

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Gabriel de Almeida Ribeiro

A Influência do “Bible Belt” Estadunidense na Política Externa dos
Estados Unidos Durante o Governo de George W. Bush (2001-2009)

Uberlândia

Agosto de 2018

Gabriel de Almeida Ribeiro

A Influência do “Bible Belt” Estadunidense na Política Externa dos Estados
Unidos Durante o Governo de George W. Bush (2001-2009)

Dissertação apresentada ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Filipe Almeida
do Prado Mendonça para a obtenção do título de Mestre
em Relações Internacionais

Uberlândia

Agosto de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R484i
2018 Ribeiro, Gabriel de Almeida, 1987-
 A influência do "Bible Belt" estadunidense na política externa dos
 Estados Unidos durante o governo de George W. Bush (2001-2009)
 [recurso eletrônico] / Gabriel de Almeida Ribeiro. - 2018.

 Orientador: Filipe Almeida do Prado Mendonça.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.970>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.

 1. Relações internacionais. 2. Religião e política - Estados Unidos. 3.
 Estados Unidos - Política e governo 2001-2009. 4. Estados Unidos -
 Política externa - 2001-2009. I. Mendonça, Filipe Almeida do Prado
 (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
 graduação em Relações Internacionais. III. Título.

CDU: 327

Gabriel de Almeida Ribeiro

A Influência do “Bible Belt” Estadunidense na Política Externa dos Estados Unidos Durante o Governo de George W. Bush (2001-2009)

Dissertação apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça para a obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça (UFU)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Luiza Rodrigues Mateo (PUC-SP)

Membro Titular: Prof.^a Dra. Marrielle Maia Alves Ferreira (UFU)

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda”

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Foi uma mistura de emoções quando percebi que cheguei ao fim. Saudades da vida acadêmica, dos amigos, da sala de aula, de pesquisar e escrever. Ao término de um mestrado, ter a noção de que só pessoas adultas conseguem chegar a esse patamar e lançar voo é algo indescritível. Acredito que a vida é cheia de surpresas e quero sempre dar ênfase para as boas. Desde 2015, quando resolvi voltar a estudar e aumentar “minha senioridade” ao patamar de mestre, se passaram pessoas que me ajudaram e, claro, aquelas também que colocaram grandes obstáculos. Quando falo em amigos, estou falando de todos que ficam felizes quando qualquer coisa de bom acontece em minha vida. Em especial, no âmbito da academia, gostaria de agradecer ao meu professor orientador Filipe que sem o qual nada disso seria possível e será lembrado para sempre. No âmbito familiar, gostaria de agradecer meus pais Lucimar e Paulo que são e sempre serão meu porto seguro, aqueles que posso correr imediatamente que sempre estarão me esperando. Uma grande jornada termina e outra grande se inicia. A vida tem disso, mudanças, como parte de um ciclo natural. Gostaria de acrescentar que os desígnios de Deus não podem ser mudados por uma simples vontade humana. Por isso, agradeço ao mais importante de todos que é Deus por me permitir estar aqui e por me ajudar e conduzir ao sucesso. O homem não tem nada além daquilo que pode levar consigo deste mundo, isto é, tudo aquilo que é de uso da alma como a inteligência, os conhecimentos e, claro, as qualidades morais que temos e que passamos a ter ao longo da vida. Estes itens são meu sonho de consumo e sempre buscarei obtê-los.

RESUMO

O presente trabalho visa compreender a relação entre religião e política no contexto estadunidense durante o governo de George W. Bush (2001-2009). A região denominada de “*bible belt*” (ou “cinturão bíblico”) compreende a área do extremo sul dos Estados Unidos, região predominantemente conservadora e cristã. Afirmamos que esta região é importante para o contexto político estadunidense além de exercer grande influência no Partido Republicano. Sendo assim, verifica-se que as ideias advindas do “cinturão bíblico” exerceram influência também na política externa dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush, legitimando parte dos posicionamentos norte-americanos no cenário internacional e nas estruturas da governança global. Desta forma, este trabalho busca entender o grau de influência dos ideais do “cinturão bíblico” na política e mais especificamente como estas ideias influenciaram na política externa dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush (2001-2009), com destaque para a decisão de intervir militarmente no Iraque.

Palavras-chave: Bible Belt. Política Externa. Conservadorismo Religioso. Partido Republicano.

ABSTRACT

This paper aims to understand the relationship between religion and politics in the US context during the administration of George W. Bush (2001-2009). The so-called "bible belt" comprises the southernmost area of the United States, a predominantly conservative and Christian region. We affirm that this region is important for the American political context besides exerting great influence in the Republican Party. Thus, the ideas of the "bible belt" have also influenced US foreign policy during George W. Bush's administration, legitimizing some of the US position on the international scene and in the structures of global governance. In this way, this work seeks to understand the degree of influence of the ideals of the "bible belt" in politics and more specifically how these ideas influenced the United States foreign policy during the George W. Bush administration (2001-2009), specially in his decision to intervene militarily in Iraq

Keywords: Bible Belt. Foreign Policy. Religious Conservatism. Republican Party.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Religião nos Estados Unidos de 2011.....	31
Figura 2: Resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2000: a importância do bible belt.....	36
Figura 3: Resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2004: a importância do bible belt.....	36
Figura 4: Aprovação popular do governo de George W. Bush (2001-2009).....	47
Figura 5: Opinião pública sobre a intervenção estadunidense no Iraque.....	48
Figura 6: Apoio para uma política de segurança nacional assertiva.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Religiosidade estadunidense por estado.....	32
Tabela 2 – Peso eleitoral do cinturão bíblico (1992-2016).....	43
Tabela 3 – Votação presidencial por afiliação religiosa e raça.....	46

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Religião e Política no Contexto Estadunidense.....	15
1.1 O “Excepcionalismo”.....	20
1.2 Os Mitos Fundacionais.....	23
1.3 A Direita Cristã.....	27
2. “God Wants me to be President”: o Bible Belt, a Direita Cristã e a Estratégia Eleitoral de George W. Bush.....	29
2.1 A Direita Cristã e a Política Externa dos Estados Unidos.....	37
2.2 Agenda Religiosa, Eleições nos Estados Unidos e o Cinturão Bíblico.....	42
3. “God Bless America”: o Bible Belt e o Governo de George W. Bush.....	50
3.1 O Peso Eleitoral da Religião no Governo de George W. Bush.....	50
3.2 A Religião como Elemento Legitimador da Agenda Externa de George W. Bush.....	54
4. Considerações Finais.....	60
Referências Bibliográficas.....	62

Introdução

A sociedade estadunidense é, em sua maioria, religiosa sendo o cristianismo a principal corrente seguida. Segundo uma pesquisa realizada pela Pew Research Center em 2007, 70,6% da população do país é cristã, sendo 51,3% protestantes, 23,9% católicos, 1,7% mórmons. Além dos cristãos, 4,7% professam outro tipo de fé (judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo, entre outras), enquanto 16,1% se consideram ateus ou agnósticos. Pensando esses dados em termos geográficos, destaca-se a área conhecida como “o cinturão bíblico” (*biblebelt*) que abrange o extremo sul e sudoeste do país, cujo percentual de cristãos é acima da média nacional. Os estados que compõem tal cinturão e suas respectivas taxas de cristãos são: Carolina do Sul (78%), Carolina do Norte (77%), Alabama (86%), Geórgia (79%), Mississippi (83%), Tennessee (81%), Kentucky (76%), Arkansas (79%), Texas (77%), Missouri (77%), Oklahoma (79%), Louisiana (84%), Virginia (73%) e parte da Flórida (70%), Kansas (76%), Illinois (71%), Virgínia Ocidental (78%), Ohio (73%) e Novo México (75%). Identificados como cristãos, a maioria da população de tais estados possui uma forte identificação com um modelo social de valores tradicionais e conservadores, aproximando-se dos princípios defendidos pelo o partido republicano estadunidense (PEW RESEARCH CENTER, 2007).

Acredita-se que essa aproximação ideológica entre religião e partido gera influências políticas tanto em relação aos processos eleitorais – nas escolhas de candidatos pela população – quanto na formulação de políticas domésticas e internacionais. Um exemplo por nós defendido é a postura adotada pelo governo durante o mandato de George W. Bush (2001-2009). Acredita-se que existe uma relação entre o poder político eleitoral da região que compõem o cinturão bíblico para com a formulação da política interna e externa estadunidense, principalmente em momentos de crise (WALLIS, 2010).

Os atentados terroristas de 2001 somam um desses momentos acima citados, os quais potencializam a relação entre religião-conservadorismo e formulação política. Em seu governo, influenciado pelos atentados, George W. Bush (2001-2009) elege o combate ao terror como foco de sua política externa e, dessa forma, dá contornos a chamada doutrina Bush, resgatando e superestimando valores tradicionais caros à sociedade norte-americana, como o destino manifesto e o excepcionalismo, os quais ressaltam o entendimento dos Estados Unidos enquanto responsáveis pela manutenção da ordem global. No momento em questão, esse papel é expresso na figura norte americana como a grande protetora do mundo

contra o terrorismo (MITCHELL, 2013).

O destino manifesto tem raízes profundas na história norte-americana. No século XVIII, a América do Norte serviu como destino de perseguidos políticos e religiosos oriundos da Europa e representava uma região de oportunidades num cenário de crises econômicas intensas. A partir da tradição cristã/protestante, gerou-se um sentimento de missão em termos bíblicos onde aqueles que antes estavam impedidos de praticar sua religião na Europa almejavam por colocar em prática seus preceitos religiosos sem discriminações. Segundo Luiza Mateo (2010) os puritanos imigrantes, impossibilitados de seguir sua fé na Europa, criaram uma atmosfera religiosa na América em que pudessem desfrutar de suas liberdades longe de suas terras conflituosas. Com isso, deu-se origem a um ideário do “Destino Manifesto”, remetendo os primeiros peregrinos à concepção de predestinação divina, consolidando suas colônias a partir desta visão de mundo (MATEO, 2010).

Na mesma direção, o “excepcionalismo” norte-americano, cujo ideário pode ser explicado pela própria história dos Estados Unidos, alimenta a crença de que esta nação tem uma missão extraordinária no mundo. É uma percepção que foi moldando ideologicamente a percepção da população desde os tempos coloniais e a religião, como pano de fundo simbólico, serviu como um arranjo identitário e que cumpriu, por sua vez, um dos mais relevantes papéis no desenvolvimento da América contemporânea (MATEO, 2010). Para tanto, esta ideia aceita interpretações seculares e religiosas de modo que a crença de ocupar um papel excepcional no mundo está assentada intrinsecamente no liberalismo lockiano, no capitalismo liberal, na democracia republicana e na própria providência divina. Segundo Fonseca (2008), a variante secular do “excepcionalismo” enfatiza as peculiaridades do modelo político democrático e liberal dos Estados Unidos. Dessa forma, parece haver neste país um impulso a um tipo de “evangelização do mundo” criando, portanto, uma trajetória que, embora oscile a depender da conjuntura, inclina a política externa dos Estados Unidos para a direção da difusão de valores cristãos marcados por mitos, tais como o excepcionalismo e o destino manifesto (FONSECA, 2008).

Não é novidade que a atuação política estadunidense depende das idiossincrasias de sua política interna que, por vezes, dita o comportamento e seu posicionamento no sistema internacional. Entretanto, a novidade do governo de George W. Bush está na forma como a nova doutrina de segurança estimulou a ascensão de uma direita cristã que coloca os valores morais no centro da política norte-americana (FINGUERUT, 2005).

No plano internacional a religião tem exercido grande influência, seja por movimentos transnacionais, seja por conflitos étnico-nacionais, seja pela formatação de identidades ou legitimação política (CHAPLIN, 2010). Os Estados Unidos apresentam um grande número de devotos com histórica ligação com a construção dos “mitos fundacionais” e do “espírito americano” e desse contexto surgem discursos tais como “*divine providence*”, “*city upon a hill*”, “*chosen people*”, “*errand into the wilderness*”, entre outros (HENRY, 1979). Sendo assim, historicamente o puritanismo, por exemplo, influencia o governo, a cultura, a economia, além de moldar políticas públicas, uma leitura sobre moralidade e credo e forjar um discurso que aponta para o “caráter excepcional” dos Estados Unidos. Para Mateo (2010), este processo constituiu o que pode ser chamado de “américa profunda”, onde os mitos fundacionais, a linguagem religiosa e a religião civil se fundem, sendo esta última entendida como os processos políticos impulsionados pela simbologia religiosa. Nesse sentido, verifica-se que o caráter teológico é sempre reforçado com o emprego de expressões tais como “chamado divino”, “missão”, “cruzada” e constantes pedidos de bênçãos e preces para a nação. Isto gera uma renovação do caráter teológico construído desde o período colonial até os dias atuais. Não diferente, a “guerra ao terror” é subproduto da “América Profunda”, onde mescla-se no discurso o mito da “excepcionalidade” causando assim forte ressonância no imaginário da sociedade estadunidense (RESENDE, 2011).

Nota-se, portanto, que o caso estadunidense é singular uma vez que ali os ideários protestantes encontraram terreno fértil, criando um efeito espiral onde a relação entre religião (que cria a base teológica para os mitos fundacionais) e política (fundamentada no excepcionalismo) se reforça. Ademais, a religião permitiu aos estadunidenses associar secularismo político com religiosidade social, isto é, a crença no divino e na pátria que confere, por sua vez, um sentimento de santidade religiosa associada ao patriotismo e legitimidade nacionalista. O efeito prático disso foi um tipo de interação onde os grupos religiosos, com destaque para os protestantes, passam a se articular em torno de uma agenda conservadora e que, por sua vez, conseguem estabelecer influência no debate sobre moralidade, além de mobilizar os devotos nas eleições no plano local e nacional, como importantes desdobramentos no tipo de política internacional adotada pelo país. Em outras palavras, a forma como os Estados Unidos se comporta no plano internacional não é definido exclusivamente por um cálculo político e estratégico definido em termos de poder, mas também pela maneira com que o país se percebe em torno de sua missão perante Deus e o mundo.

Neste sentido, coube ao partido republicano fomentar um diálogo mais forte com este discurso religioso. Não à toa é neste partido que recai uma concepção de política, tanto nacional como internacional. Segundo Finguerut, 2014, o termo “conservador” remonta à formação de uma “nova direita” que foi representada durante o governo Bush pelos “neoconservadores”. De fato, o sistema partidário dos Estados Unidos é estruturado ideologicamente. O partido Republicano, ou o *Grand Old Party*, tem uma forte fundação ideológica que remonta ao partido *Whig* e, dentro deste, surgiu a coalizão-cristã (FINGUERUT, 2014).

Em suma, a direita cristã é conhecida por utilizar a política como uma ferramenta para a consolidação dos ideais de nação e de sociedade segundo seus preceitos ideológicos. Em tempos de eleição, conseguem se articular e amplificar seu peso eleitoral. Esta coalizão cristã ajuda na consolidação da estrutura de pressão e poder incluindo lobby direto na porta dos congressos, conselhos decisórios de lideranças, grande eficiência em arrecadação de fundos e penetração comunicativa, seja em emissoras de televisão, rádio e até à utilização de milhares de igrejas espalhadas pelos Estados Unidos. É um movimento evangélico em seu sentido religioso e político, além de serem contra à temas como homossexualidade, aborto, células-tronco etc. George W. Bush e outros importantes nomes da política norte-americana venceram apoiando e sendo apoiados por essa estrutura, influenciando a política externa por meio do direcionamento das prioridades governamentais (WALLIS, 2017).

Fato é que este tipo de auto compreensão religiosa gera fortes impulsos internacionais, criando um tipo de política externa que constantemente se remete aos “valores americanos” onde seu sistema político e sua história são elementos dignos de admiração universal, uma vez que, os Estados Unidos têm o destino e a missão de desempenhar um papel diferente e positivo no cenário internacional. Segundo Walt (2014):

Esta fé incontestável no excepcionalismo americano torna mais difícil para os americanos compreender por que os outros são menos entusiasmados com o domínio dos EUA, muitas vezes alarmado com as políticas dos EUA e, frequentemente, irritados com o que eles veem como a hipocrisia dos EUA, se o assunto é a posse de armas nucleares, de conformidade com direito internacional, ou a tendência da América em condenar a conduta dos outros, ignorando seus próprios fracassos. Ironicamente, política externa dos EUA provavelmente seria mais eficaz se os americanos fossem menos convencidos de suas próprias virtudes únicas e menos ansiosos ao proclamá-las (WALT, 2014).

Este trabalho buscará entender a relação entre a política no *bible belt*, bem como seus princípios religiosos e o papel da direita cristã durante a administração de George W. Bush (2001-2009). Para isso, o texto está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado “Religião e política no contexto estadunidense”, apresentamos conceitos tais como “*bible belt*”, “excepcionalismo”, “mitos fundacionais”, “direita cristã”, entre outros. O capítulo 2, intitulado ““God Wants me to be President”: o Bible Belt, a Direita Cristã e a Estratégia Eleitoral de George W. Bush”, traz uma revisão da bibliografia que articula o peso da religião na política estadunidense, com destaque para a política externa. Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “God Bless America”: o Bible Belt e o Governo de George W. Bush”, buscamos mostrar como o *bible belt* influenciou a condução dos assuntos externos nos Estados Unidos durante o período.

1. Religião e Política no Contexto Estadunidense

Jeffrey Haynes (2008), a partir do conceito de persuasão moral-religiosa e poder brando (*soft power*), aponta para a ligação entre a religião e política externa norte-americana, com destaque para o modo com que os evangélicos conseguem angariar apoio em torno de determinadas pautas. Em linhas gerais, conservadores religiosos evangélicos reunidos na direita-cristã utilizam da estratégia da persuasão moral-religiosa na construção do “imaginário americano” (HAYNES, 2008). Segundo Der Derian (2002), a estratégia mescla o mito da excepcionalidade à revelação religiosa que pensa a política externa como uma ferramenta que tenta recriar o mundo sob os auspícios do puritanismo. Na sociedade estadunidense, desde sua formação, é possível encontrar elementos religiosos que moldam a realidade da política de modo que, nos discursos políticos, a “missão americana”, sob a tutela da “providência divina”, é apontada a fim de ajudar na legitimação e fortalecimento do próprio discurso para com o povo (ORTUNES, 2014). Na década de 1970 estes evangélicos ativistas iniciaram suas mobilizações em torno das questões domésticas tais como aborto, homossexualidade, valores familiares e outros. Por vezes, essas mobilizações conseguiram mobilizar o Congresso, a Suprema Corte e até mesmo a Casa Branca. Já na década de 1990, os evangélicos entraram no campo da defesa dos direitos humanos e das liberdades religiosas. Mais recentemente, foram ativos na primeira e segunda campanha de George W. Bush.

Segundo Resende (2011), a guerra ao terror foi fruto de uma construção interpretativa do mundo com forte conteúdo ideológico/religioso. Ademais, verifica-se que a direita cristã, além de atuar orbitando o partido republicano, tem ligações com a região que compõe o cinturão bíblico e que possui uma agenda própria e religiosa de política externa (RESENDE, 2011). Segundo Joey Long (2005), a religião se tornou uma importante variável na compreensão da política externa dos Estados Unidos na era Bush, com crescente participação de lideranças religiosas nos processos de formulação, com impacto em questões tais como liberdade religiosa e o direito das mulheres (LONG, 2005).

Na década de 2000 essa direita cristã amplia suas capacidades. Com isso, ganham força os processos de afirmação do discurso messiânico e de uma atitude ativa dos Estados Unidos na expansão da democracia e no combate ao terrorismo. É neste contexto também que o *lobby* religioso consegue a aprovação de algumas leis tais como o *International Religious Freedom Act* de 1998, o *Trafficking Victims Protection Act* de 2000, o *The Sudan Peace Act* de 2002 e o *North Korea Human Rights Act* de 2004 (HAYNES, 2008). Com isso, a missão da

nação “do alto da colina” ganha reforços importantes na projeção para o mundo de seus valores de democracia, direitos humanos, justiça, prosperidade e felicidade, com desdobramentos na política internacional. Neste sentido, o cinturão bíblico se destaca. Como vimos, são majoritariamente cristão-protestante e em boa medida fundamentalistas, tradicionalistas, e possuem grande importância política e eleitoral e na formulação da política externa norte-americana, guiada por ideias baseadas na própria religião que apontam para uma conduta moral e valores éticos (ZAKAULLAH, 1996).

Entretanto, a importância desta região na política estadunidense não é fenômeno novo. O discurso religioso não se dissolve de maneira homogênea no território estadunidense: as diferenças entre o norte e o sul são históricas e profundas, levando inclusive ao enfrentamento militar em 1861 na Guerra de Secessão (CHECCO, 2014). Enquanto o norte tem historicamente uma postura mais cética, coube ao sul, historicamente, o grosso da difusão do discurso religioso estadunidense tanto no plano doméstico como no plano internacional. Ademais, se considerarmos também as especificidades do sistema eleitoral norte-americano, nota-se a importância da religião na escolha de qualquer presidente. Mas é no final do século XVIII que se dá início a uma nova revolução da religião, fato que ficou conhecido como o grande despertar (*GreatAwakening*), descrito como o “segundo pentecostes”.

Este movimento espalha-se pelo sul do país por meio das três denominações mais importantes: batistas, presbiterianos e metodistas. Segundo a interpretação da época, acreditava-se que o espírito santo se movia de modo a motivar o espírito humano a serviço do divino para a reafirmação da fé. Segundo Bogan (2014):

Religion took the South by storm, from Presbyterians to shouting Methodists to Holy Rollers. Many sermons were composed of hell fire and brimstone preaching. Congregations were entirely espoused with the preaching of God's word responding with muscular spasms, or more commonly known as the jerks. They leaped, crawled, rolled on the ground, wept, moaned, their utterances triumphing in a type of a foreign language. As sudden as the Holy Spirit set in, it lifted and a smile of heavenly peace would break forth and conversation would follow (BOGAN, 2014).

Já para John Boles (1996), esta rápida disseminação se explica pelo modo de vida da população. Mais especificamente, acredita que foi em Logan County, Kentucky, que o processo conhecido como o grande despertar foi iniciado com os *camp meetings*¹. Nas

¹ Como ilustração de como começou o movimento de revitalização da fé na região, ressalta-se que o “*camp meeting*” (acampamentos) foi um fator muito importante para o processo de modo que servia para renovação do interesse religioso das pessoas. Dessa forma, todos os anos eram promovidos estes acampamentos que, por sua

palavras do autor, a crença era a de que “God would do his work in strange and wonderful ways. This miraculous manifestation would be the seal, proving the authenticity of the heaven-sent revival” (BOLES, 1996). Os acontecimentos em Logan County se espalham pelo sul, quase como reação natural que culmina com o grande despertar em todo o sul. Esta difusão do renascimento ou restauração da fé nestas regiões deu a Kentucky uma imagem especial aos olhos dos fiéis (BOLES, 1996)

Verifica-se que este movimento que toma conta do sul e sudeste do país, marcado por uma teologia evangélica que coloca peso na agência da providência divina por meio de seus fiéis, acreditava também que a igreja triunfaria e os princípios cristãos libertariam o mundo. Este seria o novo “destino manifesto”, interpretação que ganha força no cinturão bíblico, com revitalização da fé e com tentativas de construção “do reino” com a missão especial de revitalização da fé como sendo a realização da própria vontade divina por meio de seu povo eleito. Por vezes, acreditavam também que a providência divina havia assegurado a independência dos Estados Unidos, uma vez que partilhavam da crença de que este país foi originalmente designado para a religião e para a liberdade. Segundo Boles (1996):

Possessing a republican government which sponsored freedom and upheld Protestantism, the United States, provided its citizens remained moral, could break loose from the chains possessed, wrote Furman, ‘ encourage us to look forward, with pleasing hopes, to a day when America will be the praise of the whole earth; and shall participate, largely, in the fulfillment of those sacred prophecies which have foretold the glory of Messiah’s Kingdom: When God shall build the cities, and cause them to be spread abroad; when righteousness shall dwell in the fruitful field, and the wilderness shall rejoice and blossom as the rose. Hence God had prepared this land for a great mission, to lead the world into the millennium. This was to be America’s manifest destiny (BOLES, 1996, p. 107).

Esta formação discursiva dá conteúdo e especificidade ao caso estadunidense, produzindo significados e representações da realidade nas esferas de poder, criando realidades que moldam a ação política. Neste sentido, Resende afirma que “os discursos permitem expressar, comparar, classificar, separar e criar representações sobre o passado, presente, futuro e assim construir respectivas realidades” (RESENDE, 2001). Sendo assim, a autora aponta para relações de poder que exercem influência nos discursos e assim consolidam determinadas visões de mundo. No que se refere à construção de identidades, ressalta-se que só é possível quando o discurso utiliza um significante vazio e que, por sua vez, seja apto a

vez, eram os responsáveis pelo deslocamento de um grande contingente de pessoas que percorriam vários quilômetros para participar destes encontros em nome da fé.

juntar um conjunto heterogêneo de demandas em uma única “cadeia de equivalência” para ser possível traçar uma linha de separação “entre a coletividade e seu outro constitutivo”. Portanto, ser cristão protestante gera um determinado tipo de identidade frente às outras que, por sua vez, funciona como elemento de coesão social.

A guerra ao terror durante a gestão de George W. Bush filho serve como exemplo deste tipo de articulação discursiva. Resende (2011), por exemplo, verificou o uso constante de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa do plural e ainda os termos como *américa*, *nação*, *liberdade*, *nós*, *povo*, entre outros. Para o próprio Bush, ele era “sustained by the prayers of the people in this country” (ABC NEWS, 2016). Em 2002, Bush declarou que “We need common-sense judges who understand our rights were derived from God”. No discurso de Bush no congresso dos EUA, por exemplo, proferido no dia 20 de setembro de 2001, verifica-se o uso de um discurso político com traços proveniente deste tipo de narrativa:

O curso desse conflito é desconhecido, mas seu final é certo. Liberdade e medo, justiça e crueldade, sempre estiveram em guerra, e sabemos que Deus não é neutro entre eles. Caros cidadãos, enfrentaremos violência com justiça paciente-seguros de que a nossa causa é justa e confiantes na vitória futura. Em tudo que está a nossa frente, que Deus nos dê sabedoria, e que Ele zele pelos Estados Unidos da América. Obrigado (BUSH, 2001).

Verifica-se nestes e em outros discursos presidenciais elementos de articulação com apelo ao divino. O uso da palavra “nós” ou “nosso”, por exemplo, remete a um especial potencial e possui uma condição dêitica que faz gerar um sentimento de coesão. Como nos ensina Resende (2011), trata-se de discursos que geram elementos aglutinadores entre o povo e, por conseguinte, fazem com que os ouvintes se posicionem. O emprego destes termos é autorreferente e dá significado para a coletividade de modo que permite ainda renovar o sentido de “americanidade” proposto tanto pelo âmbito religioso quanto pelo âmbito político. Para a autora, as palavras adquirem significados através dos discursos e, dessa forma, a própria guerra ao terror, como a guerra fria, a articulação discursiva possuía elementos de uma mesma origem: o puritanismo. Verifica-se nos discursos do presidente um apelo constante da luta entre o “bem e o mal” (RESENDE, 2011).

Como elemento de coesão entre os políticos e a direita cristã, observa-se claramente a ideia de que os valores do país têm validade universal e, por isso, deve-se exportar estes valores não só como uma estratégia de defesa nacional, mas também como uma missão dos Estados Unidos na tentativa de moralizar o mundo. Portanto, destaca-se deste tipo de discurso

o elemento que evoca diretamente a “missão” juntamente com os objetivos da república perante a defesa da liberdade e da predestinação divina dos Estados Unidos. Estes discursos, então, atuam de maneira a reafirmar a identidade nacional (CAMPBELL, 1998). É a ideologia puritana sendo impressa na política por meio do uso de expressões tais como “América excepcional” e “farol do mundo” de modo a buscar a reprodução do sermão puritano por meio da linguagem e símbolos empregados nos discursos.

Não só isso, o discurso se institucionaliza quando é criada, por exemplo, a Nacional Security Council (NSS) que, além de sintetizar a doutrina Bush, tinha como discurso principal a necessidade de combate do terrorismo mundial por meio da força. Este movimento reafirmar o ideário que enxerga os Estados Unidos como protetores do mundo contra o terrorismo. Neste sentido, a pesquisadora Bárbara Mitchell afirma haver evidências no documento NSS de traços da doutrina do Destino Manifesto e de “excepcionalismo” (MITCHELL, 2013). A assessora de Segurança Nacional de George W. Bush, Condoleezza Rice, foi uma das principais fomentadoras desse discurso, com bases no princípio do destino manifesto. Rice declarou para a revista cristã Charisma Magazine o seguinte: “I have been religious all my life. I cannot remember a single day when I questioned the existence of God. My danger was quite another, and that is that if you are that certain in your religious faith, you go on autopilot about it” (MONTGOMERY, 2017).

No tocante à guerra ao terror, apresenta-se a constante luta entre o “bem e o mal” de modo que a linguagem utilizada marca uma oposição entre os estadunidenses (os “heróis”) e o outro (terroristas “vilões”). É a figura do estadunidense como “puros” e “inocentes”, porém fortes e com a tutela de Deus na realização de seu propósito de defesa da nação “excepcional” e “predestinada por Deus” para defesa da justiça, liberdade e progresso no mundo. Dessa forma, o ideário produzido é o de que todas as decisões norte-americanas, bem como todas as suas ações, são moralmente certas e necessárias. O elemento religioso no discurso da “guerra ao terror” consegue apropriar-se da mitologia que já remete ao ideal puritano, do destino manifesto, e da predestinação teológica para construção de um caráter incontestável e imperativo ao relacionar a política de combate ao terrorismo como dever de uma nação que, segundo a mitologia, é abençoada e escolhida por Deus para atuar segundo seu nome (RESENDE, 2011). Neste sentido, no dia 21 de setembro de 2001, em discurso feito no Congresso dos Estados Unidos, George W. Bush afirmou que:

Our war on terror begins with al Qaeda, but it does not end there. It will not end until every terrorist group of global reach has been found, stopped and defeated. [...] They hate our freedoms - our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other. [...] The terrorists' directive commands them to kill Christians and Jews, to kill all Americans, and make no distinction among military and civilians, including women and children. (BUSH, 2001).

Este discurso nos mostra, entre outras coisas, que no caso da guerra ao terror, a linguagem utilizada foi a apocalíptica e bíblica de modo que o terrorismo passou a significar uma ameaça não só aos Estados Unidos mas para o mundo e, dessa forma, o povo estadunidense seria o povo eleito por Deus para iluminar o caminho da salvação. Esse discurso, ao mesmo tempo em que inspirou conforto e esperança frente ao perigo terrorista, se desdobrou em controle rígido em busca de ordem e coesão, inclusive com violações a direitos civis clássicos como parece ter sido o caso da aprovação do *USA Patriot Act* em 2001.

Construiu-se uma realidade que foi aceita como auto evidente e como verdade incontestável. Foi um discurso linguístico-cultural que impôs uma realidade para dar sentido à nova doutrina de segurança. A guerra ao terror foi, portanto, marcada por referências bíblicas, metáforas e símbolos religiosos que construiu para o ideário de que os Estados Unidos são a nação escolhida por Deus. Dessa forma, messianismo e idealismo político são itens que estão relacionados nos discursos presidenciais, com destaque para George W. Bush.

1.1 O “Excepcionalismo”

Os estadunidenses comungam com o pensamento de que são os defensores da moral e que por isso possuem o papel de reparar os males do mundo indo contra a tirania e em defesa da liberdade em todos os lugares e a qualquer custo. Ressalta-se que os Estados Unidos já surgiram como um Estado soberano e que conseguiram se expandir com muita eficiência tanto em população quanto em território e poder. Said (1993) ressalta que:

A postura americana diante da ‘‘grandeza’’ americana, das hierarquias raciais, dos perigos de outras revoluções (a Revolução americana sendo considerada única e de certa forma irrepetível em qualquer outra parte do mundo) permanece constante, ditando e obscurecendo as realidades do império, enquanto apologistas dos interesses americanos ultramarinos insistem na inocência americana, praticando o bem, lutando pela liberdade (SAID, 1993, P. 42).

O “excepcionalismo” norte-americano, cujo ideário pode ser explicado pela própria história dos Estados Unidos, alimenta a crença de que esta nação tem uma missão extraordinária no mundo. É uma percepção que, de forma ideológica, foi moldando a população desde os tempos coloniais e a religião, como pano de fundo simbólico, serviu como um arranjo identitário que cumpriu, por sua vez, um dos mais relevantes papéis no desenvolvimento da América contemporânea (MATEO, 2011).

O caráter religioso esteve presente desde os primeiros colonos que vieram para a América do Norte em busca de oportunidades e de criar raízes a fim de construir uma nova história e ficar longe da crise do comércio europeu e da perseguição dos dissidentes religiosos. Por vezes, estes fiéis procuraram fugir para a América por causa de uma “revelação” que tiveram de Deus pedindo para os mesmos que se dirigissem para um lugar destinado ao cumprimento da verdadeira ordem divina e que os manteria longe da corrupção europeia. Era um êxodo à terra prometida que acreditavam estar acontecendo, de modo que, a Nova Inglaterra receberia povos com a incumbência divina de progresso, uma vez que eram detentores de uma verdade transcendental. O puritanismo dos primeiros colonos atuou de maneira a transmitir uma cosmovisão para todas aquelas pessoas que chegavam à América e dessa forma, a sociedade norte-americana foi se moldando. Essas ideias serviram de base para a proclamação da independência dos Estados Unidos e, conseqüentemente, foram igualmente empregadas na formulação do “excepcionalismo” norte-americano presente até os dias de hoje (CHECCO, 2010).

Os Estados Unidos aprovaram no dia 4 de julho de 1776, pelo Congresso Continental, a Declaração de Independência. No texto, Thomas Jefferson deixa estampados os princípios morais atrelados a fatores tais como: simplicidade de escrita, clareza e precisão de conceitos, todos importantes para entender o processo de independência. Para tanto, infere-se que a prosa utilitária que Jefferson utiliza faz com que haja, de maneira agradável e imaginativa, uma menção ao ideário de poder e um apelo solene à razão da humanidade do início ao fim da declaração (AMARAL, 2010).

Segundo Fonseca (2007), a variante secular do “excepcionalismo” enfatiza as peculiaridades do modelo político democrático e liberal dos Estados Unidos. Dessa forma, a tendência é a de espalhar esse ideário para o mundo. O presidente George W. Bush, por exemplo, comungava com a ideia de que o povo estadunidense são os servidores dos destinos mais elevados, de liberdade e progresso e esta é uma ideia explícita em seus discursos, os

quais refletem a fé e o destino do país frente à missão que têm perante o mundo (FONSECA, 2007).

O puritanismo, por sua vez, como consta, influenciou o governo e a economia. Moldou as políticas públicas, a moralidade, o credo americano e inclusive o caráter excepcional dos Estados Unidos. Fez surgir uma cultura e valores políticos americanos anglo-protestantes (MATEO, 2011). Aceitavam que estavam fazendo a vontade de Deus no novo mundo como sendo a forma da existência humana ordenada por Deus e outorgada aos israelitas e aos primeiros cristãos (FONSECA, 2007). A ideia de uma providência divina é algo marcante no puritanismo estadunidense e tem como principal característica a visualização dos desígnios de Deus no dia a dia dos cidadãos. A ideia da natureza selvagem faz referência à missão (divinamente revelada) de construir a ordem e difundir o bem em meio ao caos, que é representado pela ausência de moralidade. Cumprindo o plano de Deus de “civilizar” o novo mundo, os colonos estariam mostrando seu louvor a Deus e estariam também, construindo um exemplo de moralidade cristã que poderia ser visto por todos (MATEO, 2011).

Estes aspectos são essenciais para entender tanto a identidade nacional estadunidense quanto a própria política externa deste país. Isto é, a forma como o país determina o seu comportamento internacional não é definido somente em torno da razão dos interesses em jogo, mas sim, também levando em consideração a maneira com que o país percebe a si mesmo em torno da missão que o compete perante Deus para com o mundo. Dessa forma, entende-se que o “excepcionalismo” é um fenômeno profundamente ligado à religião (FONSECA, 2007).

A hegemonia estadunidense do século XX expandia então um conjunto de ideias e crenças que foram se institucionalizando na nação estadunidense e que atuou de maneira a vincular a política com a moralidade. Isto gerou efeitos tanto para um consenso social como para dar sentido à existência da comunidade. Segundo Fonseca (2007), a religião civil é um elemento constitutivo e permitiu aos estadunidenses associar secularismo político com religiosidade social, isto é, crença em Deus e na pátria que conferia, por sua vez, um sentimento de santidade religiosa associada ao patriotismo e legitimidade nacionalista às crenças religiosas (FONSECA, 2007).

1.2 Os Mitos Fundacionais

Destacam-se como mitos fundacionais da nação norte-americana: i) o da providência divina; ii) a missão na natureza selvagem; iii) o “jardim de Deus” e a “cidade na colina” (FONSECA, 2007). O mito da providência divina faz referência ao povo que age em conformação com Deus e atua de maneira a orientar os puritanos por meio da ideia de providência divina. Este tema aparece nos documentos da colonização em que se mencionou o naufrágio dos primeiros colonos e estes conseguiram sobreviver e se estabeleceram no continente. Isto é, esta sobrevivência se tornou um símbolo, um milagre dos primeiros colonos que acreditavam que foi Deus quem os ajudou a fim de dar continuidade no trabalho a que se propunham e apontam este fato como um sinal claro da providência divina e que Deus tinha um destino para esta colônia, um futuro especial com reserva de um lugar especial no mundo (FONSECA, 2007).

O segundo mito, o da “missão na natureza selvagem”, refere-se a um símbolo essencial da providência divina, que é, segundo Henry (1979), a experiência de assombro diante de fatos que não se podem explicar por causas naturais. Ou seja, é um símbolo que traz a percepção a respeito da necessidade do estabelecimento de uma nova ordem frente ao caos que estava na Europa a fim de estabelecer no Novo Mundo (paraíso de natureza selvagem) uma nova ordem guiada por Deus. Nesse sentido, a menção da natureza selvagem ocupou papel muito importante nesta narrativa teológica, uma vez que a natureza selvagem era um grande risco aos primeiros peregrinos que deveriam, por sua vez, dominá-la e transformá-la para uma ordem cuja representação é a própria imagem do jardim de Deus (FONSECA, 2007). Este e o da “Cidade da Colina” referem-se à transformação da selva em civilização segundo os desígnios de Deus. Verifica-se que os primeiros puritanos que desembarcaram na América do Norte, por volta dos anos de 1620, compartilhavam a ideia da natureza selvagem e seus riscos. Dessa forma, enxergavam-se como aqueles últimos em uma grande linhagem de dissidentes que tiveram coragem de desafiar a selva e seus perigos a fim de impor a vontade e a ordem de Deus para assim, fazer da selva uma civilização de luz espiritual diante do mundo de trevas que a cerca (FONSECA, 2007).

Além destes mitos fundacionais, os puritanos se viam como os responsáveis pelo estabelecimento de um modelo de caridade cristã e pelos seus esforços em fazer surgir os ideais cristãos frente a uma caótica situação de selvageria do novo mundo. Dessa forma, se viam na obrigação de se tornarem um modelo para os cristãos do mundo inteiro e ainda por

terem feito um contrato com Deus, contrato este citado por Calvino, que menciona em suas obras que Deus escolhe um grupo de pessoas a fim de colocar em prática seus desígnios (FONSECA, 2007).

Segundo Mateo (2011), em acordo com o pensamento de Fonseca (2007), a formação de uma sociedade moralmente imaculada que Calvino pregava seria feita pelo grupo dos “escolhidos”, o que, para ser deste grupo, implicava dedicação e empenho na edificação de uma ordem que não era somente baseada nos fundamentos religiosos. Mas também os colonos puritanos deveriam ser meticolosos nas questões políticas que, por sua vez, deveriam estar dentro dos propósitos universais (MATEO, 2011). Trata-se da “dialética da graça”, que exigia que a dedicação laboral e a espiritual precedessem a consolidação de uma ordem perfeita e à medida que o país fosse crescendo e prosperando, seria notável a recompensa divina para os fiéis estadunidenses (MATEO, 2011).

No que se refere à Cidade da Colina (*the city upon a hill*), acredita-se que este é um mito que recorre à teologia pública norte-americana e é, por sua vez, um dos fatores que ajudam a entender o “excepcionalismo”. Esta é uma metáfora de *Winthrop* que extraiu do sermão da montanha, em que diz: “Vós sois a luz do mundo”. Sendo assim, os puritanos, como fiéis a Deus, vivenciariam a ordem perfeita e de uma invencibilidade infinita de modo que passariam a existir no centro do cosmos e dali irradiariam a verdade de Deus para o resto do mundo (FONSECA, 2007, p. 162).

Para Fonseca (2007), o mito da cidade da colina refere-se também à ideia de pureza espiritual da comunidade criada a partir do contrato com Deus. É importante ressaltar a questão da relação com a política. Isto é, para além das responsabilidades da alma, esse contrato também dizia respeito às questões políticas e que tinha a responsabilidade de constituir um organismo político civil. Segundo Fonseca (2007):

na medida em que esse contrato também envolvia um acordo entre os colonizadores, os compromissos assumidos em seu nome diziam respeito não apenas a assuntos da alma, mas também aos da política. A constituição de um organismo político civil, essencial para o sucesso da comunidade, era parte integral – ainda que apenas implícita – do contrato (FONSECA, 2007)

No séc. XIX aconteceu o que ficou conhecido como o grande renascimento ou segundo despertar e este concentrou no sul e oeste dos Estados Unidos e a fonte veio da igreja presbiteriana do Kentucky, que iniciou a prática religiosa de realizar acampamentos de retiro

espiritual. No “grande despertar”, nasceram as igrejas dos mórmons e adventistas como fruto da migração de pastores do Kentucky para o Tennessee e Ohio. Estes, então, foram os que iniciaram o processo de revitalização dos ideais tradicionais. Foi nesta fase que a devoção evangélica nos Estados Unidos atingiu patamares de religião nacional e formatou a igreja e a própria cultura sulista (MURRIN, 2007).

Com o crescimento do país e com sua independência, surgiu uma nova ordem social, política e religiosa para além do contrato com Deus. Era uma importante fusão entre os ideais puritanos com os ideais iluministas das infinidades de igrejas do sul tais como a Batista, Anabatista, Mormons, Adventista e entre outras. Dessa forma, deu-se origem à teologia cívica, a qual passou a fazer parte do sistema político norte-americano. Com a junção de convicções religiosas tanto puritanas de origem com os valores políticos, liberais e democráticos, deu-se origem a uma religião civil norte-americana e, com isso, a comunidade cristã sentia-se que cada vez mais que os Estados Unidos iriam se tornando potência, concebia, ao mesmo tempo, um sentimento de missão cumprida e, cada vez mais, tinham a certeza de que eram um exemplo a ser seguido e um povo abençoado por Deus e com uma missão (MURRIN, 2007).

Segundo Zahran (2005), valores iluministas são pensados de maneira absoluta, universal, aplicáveis em toda a humanidade. Quando somado ao caráter religioso, de predestinação, escolha divina e singularidade de um povo, seria gerado uma contradição, já que esses valores universais apenas estariam presentes em uma nação predestinada. O resultado dessa combinação, por isso, foi uma tradição política que preza valores absolutos, entretanto, ao mesmo tempo, é autocentrada.

Luiza Mateo (2011) utiliza da expressão América profunda, argumentando que os mitos fundacionais, a linguagem religiosa presente na política e a relação que se tem entre liturgia civil e religiosa são itens necessários para tal expressão. A “religião civil” americana faz parte de processos políticos que foram impulsionados pela simbologia religiosa de várias passagens religiosas e seria, então, um conjunto de mitos que, organizados por um fator que os ligam à política e moralidade, atuam no consenso social dando sentido à existência da sociedade (BELLAH, 1967).

Nesse sentido, segundo Resende (2011):

O emprego de expressões como “chamado divino”, “missão” e “cruzada”, o simbolismo da homenagem aos mortos de 2001², a citação expressa do Salmo 233 no pronunciamento à nação da noite do Onze de Setembro, além de recorrentes pedidos de bênçãos e preces, reforçaram o caráter teológico – e, portanto, incontestável e imperativo – da prática discursiva adotada. O discurso da “Guerra ao Terror”, ao se mesclar ao mito da excepcionalidade, passa a encontrar profunda ressonância no imaginário de uma sociedade que se acredita abençoada e escolhida por Deus para agir em seu nome (RESENDE, 2001).

Além disso, as declarações do “excepcionalismo americano” concebem a ideia de que os valores americanos, seu sistema político e sua história são dignos de admiração universal, uma vez que, os Estados Unidos têm o destino e a missão de desempenhar um papel diferente e positivo no cenário internacional (WALT, 2013). A religião civil pode ser entendida como um conjunto de expressões ritualísticas que se referem ao patriotismo e que gera um sentimento de auto adoração e desafio nacional. Isto é, a utilização do hino nacional, da bandeira, feriados nacionais, veneração de textos tais como da Declaração de Independência e da Constituição etc., os quais são os fatores aglutinadores, o elo de ligação entre o povo norte-americano e que constitui, por sua vez, a “religião civil”.

São três fatores que considerados neste trabalho como grandes contribuintes para a formação da consciência nacional para além da constituída pelos primeiros puritanos que chegaram à América do Norte. Dessa forma, destaca-se uma convergência entre os princípios puritanos com a racionalidade dos ideais iluministas. Ainda assim, ressaltam-se o milenialismo⁴ e a influência do Iluminismo, que introduziu a ideia de direitos individuais e coletivos e ainda ajudou na legitimação de um aparato político fundado na promoção dos direitos e não mais na autenticidade de conversão religiosa como era no século XVII. E, em último lugar, o próprio processo de independência, juntamente com os documentos políticos que lhes são inerentes, como a Declaração de Independência e o *Billof Rights*⁵ passaram a ser

² “O dia 14 de setembro de 2001 foi declarado pelo Presidente como “Dia Nacional de Orações e Lembranças”. Seu ápice simbólico ocorreu na cerimônia religiosa na Catedral Nacional, em Washington” (RESENDE, 2011).

³ “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Vós estais comigo; a Vossa vara e o Vosso cajado me consolam” (RESENDE, 2011)

⁴ “(...) o milenialismo do primeiro Great Awakening, que revitalizou o mito da cidade na colina e expandiu o significado cósmico da América” (FONSECA, 2007, p. 165).

⁵ Bill of Rights, de 1698, reconheceu alguns direitos ao indivíduo, como o direito de liberdade, de segurança e a propriedade privada. (ARAGÃO, 2001)

as escrituras sagradas da religião civil dos Estados Unidos e ainda setornaram a base para o excepcionalismo norte-americano (FONSECA, 2007).

1.3 A Direita Cristã

A formação moderna e secular que estava sendo materializada a partir da independência não deixou de fazer referência a uma república associada aos preceitos religiosos e com os traços do puritanismo. A democracia foi gradualmente sacralizada e se tornou a peça fundamental para o “excepcionalismo” (FONSECA, 2007).

Dessa forma, Finguerut (2007) analisa que as sagradas escrituras e a convergência dos valores iluministas e liberais com ideais puritanos, foram fatores que relacionados à política, se tornaram ferramentas para a concretização das ideias de nação e de sociedade. Esta é uma pregação referente à direita na defesa da família cristã e de seus valores e foi a partir dessa análise que o autor ressaltou que se consolidou, no século XIX, uma nova força política de direita formada pela Coalizão Cristã.

De fato, o sistema partidário dos Estados Unidos é estruturado ideologicamente. O partido Republicano, ou o *Grand old Party*, tem uma forte fundação ideológica que remonta ao partido *Whig* e, dentro deste, surgiu a coalizão-cristã (BOLES, 1996). Dessa forma, a direita cristã imprime um olhar da sociedade norte-americana sob as lentes das escrituras sagradas e, além disso, utiliza da política como uma ferramenta para a consolidação dos ideais de nação e de sociedade a partir de seus respectivos preceitos ideológicos. Em números absolutos, os representantes desta classe conservadora se intitulam como a “maioria moral” que em tempos de eleições conseguem se articular e conseguir votos. Jerry Falwell⁶ e outros importantes nomes da coalizão cristã ajudaram na consolidação da estrutura de pressão e poder incluindo Lobby direto na porta dos congressos, conselhos decisórios de lideranças, grande eficiência em arrecadação de fundos e grande apelo para a rede comunicativa, seja em emissoras de TV, rádio e até a utilização dos milhares de igrejas espalhadas pelos Estados Unidos. George W. Bush e outros importantes nomes da política norte-americana venceram apoiando e sendo apoiados por essa estrutura (FINGERUT, 2007).

⁶“Um carismático líder religioso, fundador de uma Igreja Batista” (FINGUERUT, 2007).

O movimento de “direita cristã”, subgrupo do movimento que congrega evangélicos conservadores e fundamentalistas protestantes ou católicos de direita dentro do Partido Republicano, se consolidou nos anos 1970 quando os conservadores religiosos dirigiam a política de maneira fechada na Casa Branca, no Congresso, nas Nações Unidas e no Partido Republicano. É um movimento evangélico em seu sentido religioso e político e opositores dos temas como homossexualismo, aborto, células-tronco etc. (MATEO, 2011).

Em meio século de história, a direita-cristã lutou e conseguiu realizar grandes feitos em favor do partido republicano. Em três eleições presidenciais isso ocorreu e, concomitantemente, os conservadores evangélicos, representando a voz evangélica nos Estados Unidos, influenciam a política externa por meio do direcionamento das prioridades governamentais assim como aconteceu na luta contra o comunismo na gestão de Reagan e na luta contra o terrorismo na gestão de Bush (MATEO, 2011).

Observa-se que os conservadores têm muito forte a ideia de “excepcionalidade” como caráter intrínseco à sociedade estadunidense. Dessa forma, pensam nos Estados Unidos como aquele país que tem um poder decisivo. Acreditam ser a nação “do alto da colina” e que tem a função de projetar ao mundo seus valores de democracia, de direitos humanos, de justiça, prosperidade e felicidade e, com certeza, buscam projetar estes ideais na política internacional. Além disso, ao se analisar a história da Direita Cristã nos Estados Unidos, tem-se um grupo que foi se tornando mais coalizado e forte com o tempo. A Direita Cristã conquistou espaço no Congresso e junto com o apoio de alguns presidentes, como George Bush, conseguiu ter influência nas políticas estadunidenses, inclusive na política externa.

2. “God Wants me to be President”: o Bible Belt, a Direita Cristã e a Estratégia Eleitoral de George W. Bush

No século XXI, o discurso a respeito do papel da religião nas decisões de política externa tem crescido e muitos estudiosos já estão reconhecendo que o fator religioso é umas das forças que contribuem para a tomada de decisões, como Leandro Ortunes em seu texto “Religião e o discurso político neoconservador nos Estados Unidos” de 2013. A religião é um fator que influencia e influenciou na formação da sociedade norte-americana juntamente com um discurso político legitimador e fortalecedor da missão que compete ao país. Dessa forma, entende-se que o fator religioso faz com que o conservadorismo religioso e protestante tenha grande força política na região do *Bible Belt* e como consequência exercer influência na política dos Estados Unidos (ORTUNES, 2013).

É possível ver nos discursos políticos a “missão americana” como “providência divina” a fim de legitimar e fortalecer o discurso com o povo (ORTUNES, 2013). A formação discursiva dá conteúdo e especificidade para a política externa dos Estados Unidos. Levando isto em consideração, os discursos produzem significados e conseguem construir representações da realidade nas esferas de poder. São considerados como práticas sociais, uma vez que criam realidades e que as moldam e, por isso, não podem ser deixados de lado quando se deseja compreender a ação política (RESENDE, 2011).

Para Resende “os discursos permitem expressar, comparar, classificar, separar e criar representações sobre o passado, presente, futuro e assim construir respectivas realidades” (RESENDE, 2011, p. 40). Sendo assim, faz-se a necessidade de compreensão de como as relações de poder exercem influência nos discursos para ser possível produzir verdades totais e permanentes e assim consolidar ideologias. Quanto à construção de identidades, só é possível quando o discurso utiliza um significante vazio e seja apto a mesclar um conjunto heterogêneo de demandas em uma única “cadeia de equivalência” para ser possível traçar uma linha de separação “entre a coletividade e seu outro constitutivo” (RESENDE, 2011 p. 40). Isto é, como cristão protestante, gera-se uma identidade comum da sociedade norte-americana frente aos outros e que, por sua vez, torna-se um elemento de coesão social (ORTUNES, 2013).

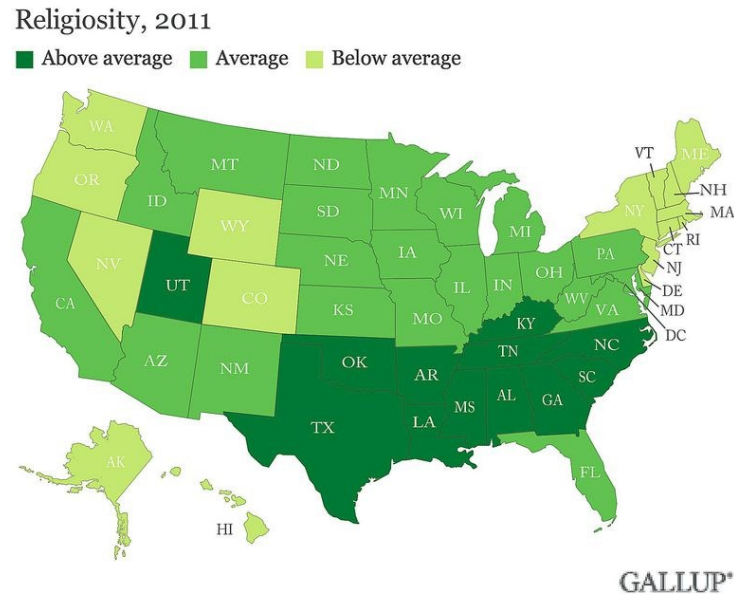
A religião tem sido uma grande força para a política, identidade e cultura guiando o ideário de que os norte-americanos cumprem um papel importante por se tratar de o "povo

escolhido por Deus", para levar o progresso e espalhar os valores morais e cristãos para todas as sociedades, nas palavras de Salleh:

The historical fact of the religious tradition of the American nation – the idea of a chosen nation or a country chosen by God to promote liberty and democracy not only in America but also everywhere in the world – gives legitimacy for the US government's promotion of the religious freedom agenda (SALLEH, 2011).

Destaca-se a região conhecida como *Bible Belt*, ou o cinturão bíblico que descreve geograficamente o sul dos Estados Unidos. Esta região abarca os seguintes estados: Carolina do Norte, Carolina do Sul, Alabama, Geórgia, Mississippi, Tennessee, Kentucky, Arkansas, Texas, Missouri, Oklahoma, Louisiana, Virginia, parte da Flórida, Kansas, Illinois, Ohio e Novo México. São estados considerados cristão-protestantes, fundamentalistas, defendem valores tradicionalistas e representam importante peso político e eleitoral e na formulação da política norte-americana. A região do “cinturão bíblico” é conhecida como o centro do fundamentalismo cristão e é guiada por ideias baseadas na religião que apontam para uma conduta moral e valores éticos (ZAKAULLAH, 2007). O mapa abaixo mostra a região que aqui denominamos como *bible belt* como a região com religiosidade acima da média estadunidense.

Figura 1: Mapa da Religião nos Estados Unidos de 2011



Fonte: Gallup, 2018.

O instituto Gallup (2018) também mostra a porcentagem de residentes do estado que dizem religião é importante em suas vidas e dizem que frequentam serviços religiosos semanalmente ou quase semanalmente. A tabela abaixo sistematiza estes dados. O estado da Carolina do Norte aparece com 46%, Carolina do Sul 50%, Alabama 54%, Geórgia 44%, Mississippi 59%, Tennessee 49%, Kentucky 45%, Arkansas 50%, Texas 43%, Missouri 39%, Oklahoma 45%, Louisiana 52%, Virginia 39%, Flórida 35% Kansas 44%, Illinois 35%, Ohio 37% e Novo México 38%.

Tabela 1 – Religiosidade estadunidense, por estado

Estado	%Muito religioso	% Religioso moderado	% Não religioso
Alabama	54	29	17
Alaska	28	25	47
Arizona	31	31	39
Arkansas	50	30	19
California	29	30	41
Colorado	30	27	43
Connecticut	29	29	42
Delaware	35	31	34
Florida	35	32	33
Georgia	44	33	23
Hawaii	28	27	44
Idaho	39	24	37
Illinois	35	29	36
Indiana	42	27	31

Iowa	37	30	32
Kansas	44	27	29
Kentucky	45	30	26
Louisiana	52	31	17
Maine	22	22	55
Maryland	36	32	33
Massachusetts	26	26	49
Michigan	36	29	34
Minnesota	37	28	35
Mississippi	59	29	12
Missouri	39	30	32
Montana	32	29	39
National average	37	30	33
Nebraska	46	29	25
Nevada	26	33	41
New Hampshire	23	26	51

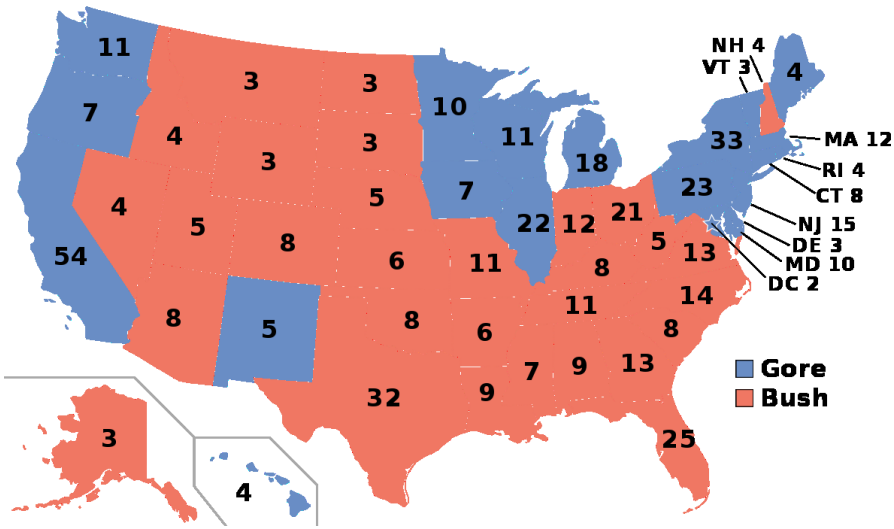
New Jersey	32	33	36
New Mexico	38	26	36
New York	31	29	40
North Carolina	46	31	23
North Dakota	40	31	29
Ohio	37	30	33
Oklahoma	45	30	25
Oregon	28	25	48
Pennsylvania	36	30	34
Rhode Island	32	29	39
South Carolina	50	30	20
South Dakota	37	30	33
Tennessee	49	30	22
Texas	43	32	25
Utah	54	16	30
Vermont	16	26	59

Virginia	38	30	31
Washington	28	26	47
West Virginia	38	31	31
Wisconsin	35	30	35
Wyoming	36	26	38

Fonte: Gallup, 2018.

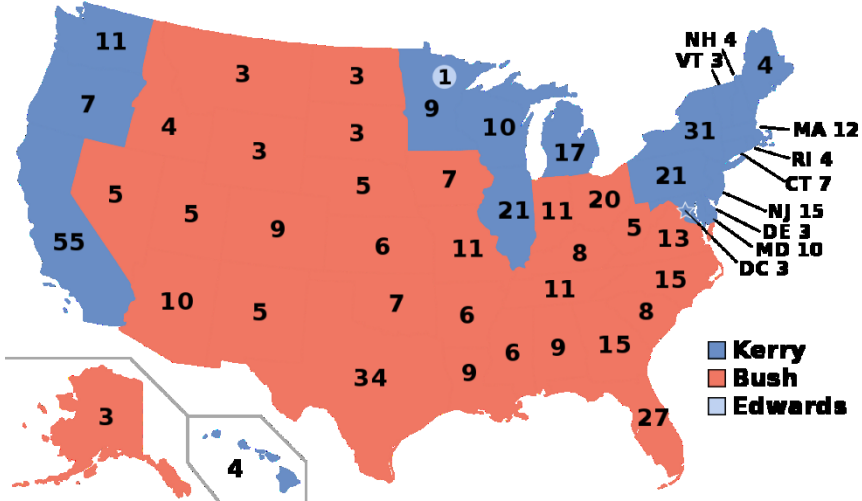
Além disso, é importante considerar que o que define o *bible belt* não é apenas o percentual do eleitorado religioso, mas também o peso eleitoral da região. Se compararmos os dados acima com o mapa eleitoral na corrida presidencial dos Estados Unidos em 2000 e 2004, percebe-se uma correlação importante entre o *bible belt*, o peso dos colégios eleitorais da região e a base eleitoral de George W. Bush.

Figura 2: Resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2000: a importância do *bible belt*



Fonte: US Election Atlas

Figura 3: Resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2004: a importância do *bible belt*



Fonte: US Election Atlas

Em suma, os dados mostram uma forte correlação entre uma região específica no sul dos Estados Unidos, a religião e o partido republicano. É justamente esta combinação tripartite que define o *bible belt*. Esta combinação é importante uma vez que, segundo Mateo (2011), o Destino Manifesto justifica o posicionamento estadunidense de protetores do mundo para “glorificar as origens da nação” (MATEO, 2011). Avalia-se a questão teológica para explicar a posição estadunidense como fator influenciador. Isto é, entende-se que a mentalidade evangélica hegemônica do *bible belt* em que há a crença da existência de uma “comunidade de destino” atua como um ideal instrumentalizado pelo partido republicano, gerando grande influência nas eleições dos Estados Unidos. Nas palavras de Safatle:

Faz parte da mentalidade evangélica hegemônica no chamado “Bible Belt” a crença em uma certa “comunidade de destino” entre os representantes do Velho e do Novo Testamento. Algo que o Partido Republicano sabe muito bem e não tem medo de instrumentalizar (SAFATLE, 2011).

2.1 A Direita Cristã e a Política Externa dos Estados Unidos

É importante considerar a mentalidade evangélica/protestante para entender a ação dos políticos norte-americanos neoconservadores. A Direita Cristã se tornou um importante ator na política, durante o governo Bush, de modo que, ao se consolidar, aumentou o grau de influência e ganhou vários cargos importantes em Washington, o que possibilitou a formulação de políticas públicas por meio de um ideário do discurso messiânico (MATEO, 2011). Os conservadores religiosos evangélicos, reunidos na Direita Cristã, utilizam da estratégia da persuasão moral-religiosa na construção do “imaginário americano” (HAYNE, 2008). Segundo Der Derian (2003), a estratégia da utilização da mescla do mito da “excepcionalidade” é uma estratégia que recorre à inspiração e à revelação em contraposição da análise e da própria razão. Sendo assim, a política ou a própria política externa são percebidas por um viés da direita cristã no *bible belt* e são formas impressas com vistas à realização de um projeto para tentar recriar o mundo sob os auspícios da “América puritana”.

Como exemplo, nessa perspectiva, Resende (2011) infere que a “Guerra ao Terror” foi fruto de uma construção de uma realidade específica e que foi aceita e experimentada como auto evidente e verdadeira. Tratou-se de uma verdade aceita por necessidade e por haver implícito um conteúdo ideológico. A “Guerra ao Terror” foi possível devido à existência “de uma formação discursiva de longa duração de contornos ideológicos puritanos que acabou por tentar naturalizar uma identidade nacional puritana” (RESENDE,

2011 p. 50). Dessa forma, entende-se que a Direita Cristã forneceu uma forte base política a George W. Bush de modo que Salleh aponta:

The rise of the Christian Right in American politics can be derived from the facts of two presidential elections. In the 2000 election, George W. Bush received 68 per cent of white evangelicals' votes and in 2004, it increased by 10 per cent. The Pew Forum on Religion & Public Life reported: "The 2004 exit poll showed that a whopping 78 percent of white evangelicals voted for President Bush and that they comprised 23 percent of the overall electorate, making them by far the single most potent voting bloc in the electorate. Due to the results, Russel Mead argues that the Christian Right was able to increase its presentation in both houses of Congress. In addition, he suggests that more than 25 per cent of representatives in both houses either claimed to be evangelicals or associates with the evangelicals (SALLEH, 2011, p.4).

Partindo dessa ideia, entende-se que política e religião são dois fatores que devem ser levados em consideração, uma vez que, acreditando que o povo estadunidense, por destino, "são os servidores de Deus mais elevados para a realização da liberdade e do progresso", "refletem a fé" e "o destino desta nação" diante da "missão" que possuem. Basicamente, esta é uma posição defendida não só pelo partido republicano em si, mas pelos presidentes conservadores republicanos (FONSECA, 2007). O fenômeno do neoconservadorismo como sendo um movimento de direita defende o uso do poder econômico e militar em prol da defesa da democracia. Como elemento de coesão entre os neoconservadores, verifica-se justamente o ideário de que os valores criados possuem validade universal e dessa forma justifica a sua expansão para além das fronteiras norte-americanas. Como sendo fruto de estratégia de defesa nacional, mas como a sendo a realização da missão estadunidense em moralizar o mundo (ORTUNES, 2013).

Segundo Fonseca (2007), na formação da nação norte-americana, aconteceu uma expansão de um conjunto de ideias, crenças e valores morais que foram em certa medida se institucionalizando e atuando de maneira a vincular a política com os preceitos morais de uma sociedade "excepcional". Fonseca aponta para a formação de uma "religião civil" que foi formado como elemento constitutivo, a fim de associar secularismo político como religiosidade social. Nas palavras de Fonseca:

A religião civil permite aos norte-americanos associar secularismo político e religiosidade social, juntar Deus e pátria, de maneira a "conferir santidade religiosa ao patriotismo e legitimidade nacionalista às crenças religiosas e, dessa forma, transformar lealdades porventura em conflito em uma lealdade única a um país religiosamente favorecido (FONSECA, 2007).

Importante mencionar que a forma com que o país determina seu comportamento internacional não se dá somente por meio da razão de estado e dos interesses definidos em termos de poder, mas também pela maneira com que percebe a si mesmo em torno de sua “missão perante Deus”. Levando isso em consideração, é possível entender a identidade nacional estadunidense e a relação do povo com a religião e com a vida política, como se fosse algo sagrado (FONSECA, 2007). Seria uma ordem de difusão da moralidade por meio de um plano civilizatório o qual os conservadores e neoconservadores estariam “louvando a Deus” colocando os Estados Unidos como “cidade da colina” (MATEO, 2011).

Com os ideais iluministas e a partir do liberalismo lockiano, os mitos religiosos fundacionais foram reinterpretados levando em consideração a democracia que teve um papel importante junto ao “excepcionalismo”, daí o vínculo entre a ala conservadora que possui a ideia de uma sociedade “excepcional” norte-americana”. Segundo Ariel Fingerut (2007), nos Estados Unidos, da metade do séc. XIX até os dias atuais consolidou-se uma nova força política que se pode chamar “coalizão cristã” que influencia a política externa e os neoconservadores.

Por sua vez, a direita cristã tem sua base na defesa dos valores da família judaico-cristã, levando em consideração as “sagradas escrituras”. Dessa forma, verifica-se que se busca na política a possibilidade de formação de uma sociedade baseada na moral cristã. Segundo Ariel Fingerut:

Em números absolutos não são maioria, não passam de cerca de 25% do eleitorado hábil a votar. Porém, essa “minorias estatística” de perfil branco, evangélico e rico, que clama por uma “maioria moral”, consegue, na hora do voto, mostrar-se extremamente articulada. Trata-se de pensarmos numa estrutura de 70 mil igrejas, mais de 200 canais de televisão e 1500 estações de rádio. Programas populares como os de Pat Robertson, na televisão, e de James Dobson, no rádio, atingem respectivamente um universo de mais de um milhão de telespectadores em noventa países com mais de 40 línguas diferentes e cinco milhões de ouvintes por semana. Em 1998, os candidatos da Coalizão Cristã dentro do partido Republicano obtiveram a vitória em 18 Estados, sendo seus votos também muito decisivos em outros 13 Estados. Toda essa influência no âmbito do poder decisório no executivo que vemos hoje é fruto de uma mobilização de quarenta anos cujos alvos centrais de ataque foram: o avanço das mulheres em seus direitos e no mercado de trabalho; o avanço nos direitos dos homossexuais; a AIDS como um problema de saúde pública; o avanço da educação sexual nas escolas públicas; as conquistas em relação ao aborto em termos legais; a separação entre religião e escola pública e o aumento da violência na grande mídia (FINGERUT, 2007, p. 2)

O republicanismo sustentado pela Coalizão Cristã, segundo Ariel Fingerut (2007), adere à ideia de que ir contra Israel seria como se estivesse indo contra Deus. Nesse sentido,

o apoio a Israel, permite aos republicanos justificar a criação de sistemas de defesas antimísseis. Além disso, guiar a política externa a partir de preceitos morais como em questões relacionados ao aborto, papel das mulheres na sociedade, liberdade religiosa e valores bíblicos. Segundo Finguerut (2007), a direita cristã apresenta-se como sendo uma organização político-religiosa e conservadora. Ainda assim, tem grande influência no partido republicano e ganhou força a partir dos anos de 1970 na medida em que sofreu fortemente as influências da Guerra Fria e das mudanças na sociedade norte-americana no contexto pós-guerra mundial. Ainda segundo o autor, “the Christian Right arose from the fear, political uncertainty and its certain moral intimacy” (FINGUERUT, 2007, p. 1).

A Direita Cristã é formada pela coalizão entre os republicanos, e nos anos da administração de George W. Bush que os interesses internacionais aumentaram marcadamente (SALLEH, 2011). Por vezes, seu trabalho é o de promover os valores morais para o centro da política dos Estados Unidos formatando a política nacional e internacional a fim de mostrar que uma sociedade pode ser guiada por preceitos morais e religiosos e por meio da lei bíblica (FINGUERUT, 2007). Dessa forma, segundo Salleh:

(...) the Christian Right is seen as skilled in framing and defining issues. The Christian Right seems effective in selecting and prioritizing international issues that have a reasonable chance of being selected by foreign policy decision makers, especially in Congress. Moreover, the Christian Right has shown its maturity in seeking engagement and cooperation with other organizations, secular and religious, in order to advance its international goals. Finally, in pursuing and conveying its international agenda, the Christian Right has adopted a more moderate and less overtly religious approach. Instead of using its traditional religious rhetoric, the Christian Right has successfully projected its foreign policy preferences into the conventional realist discourse of American foreign policy that is largely based on the objective of national interest and national security (SALLEH, 2011 p. 1).

Entende-se que o surgimento da Direita Cristã como um ator pode ser um bom exemplo de como as crenças e valores religiosos podem se tornar uma fonte potencial de *soft power* e uma valiosa variável explicativa para analisar como a política externa estadunidense é formulada a partir do início do século XXI (SALLEH, 2011). Segundo Ariel Finguerut (2007), o conservadorismo republicano clássico:

Valoriza mais a liberdade do que a equidade com doses generosas de patriotismo, hierarquia e ceticismo em relação ao progresso. Avançando nessa linha, podemos entender que a concepção clássica de “direita” é relacionada ao conjunto de forças que valoriza a ordem em detrimento da justiça social, que aceita, e às vezes defende, o capitalismo (FINGUERUT, 2007 p.4).

Surgiram nesse contexto, os neoconservadores ou conhecidos como “neocons” que encontraram apoio durante o governo de Ronald Reagan. Dessa forma, destaca-se George W Bush, Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz como os que trabalharam em posições estratégicas segundo os preceitos neoconservadores em prol de uma agenda mais relacionada com a segurança internacional e política externa norte-americana. Para Quadros, 2014, pág. 53, os neoconservadores potencializam a proeminência das demandas de um ator que plasmaria sua identidade: a direita religiosa. Ainda assim, em termos gerais iam contra a política do *welfare state* e concordavam que os Estados Unidos estavam sofrendo uma crise moral devido às políticas do Partido Democrata que pregavam ideais que iam contra o papel da família, da religião e a favor da licenciosidade moral e da contracultura. Por sua vez, verifica-se que a democracia e o livre mercado são as demandas mais importantes dos neoconservadores, de modo que "o excepcionalismo" que é fundamentado pelos preceitos morais religiosos atua de maneira a relativizar alguns dogmas do Estado laico (QUADROS, 2014). Segundo Fingerut:

A experiência de governo desse grupo nos anos de 1980 os colocou em posição privilegiada de acesso a tomada de decisão, permitindo a construção de redes no interior das instituições governamentais, com acesso a relatórios e a informações privilegiadas, bem como conhecimento dos círculos mais poderosos da política, o que lhes possibilitou além de montar uma vasta rede de revistas e jornais, organizarem Think Tanks em Washington e Nova Iorque. Dentre eles, destacamos o Institute for Educational Affairs e The Project for the New American Century (PNAC), além de outros já estabelecidos que ganharam força, como o American Enterprise Institute (AEI), Hudson Institute, Claremont Institute, Heritage Foundation e Hoover Institution (este em Londres) (FINGERUT, 2007, p. 5).

Para os neoconservadores a política é algo missionária que deve atuar de maneira a manter as instituições tradicionais e moralizar a sociedade segundo os preceitos bíblicos cristãos (QUADROS, 2014). Os "neocons" apresentam-se um pouco mais agressivos com relação aos conservadores em questões de segurança. Defendem maior gastos militares, maior atenção na segurança e defesa e construção de uma ordem internacional guiada por valores norte-americanos. Nos anos de 1980 este grupo teve a oportunidade de criar redes no interior das instituições governamentais, o que os colocou em posição privilegiada, uma vez que passaram a ter acesso a relatórios e informações e por isso organizaram em Think Tanks (FINGERUT, 2007).

A nova direita formada pela Coalizão Cristã e os neoconservadores, é um fator de extrema importância para estudar a relação da religião com a política norte-americana. Desse modo, e partindo das informações anteriores, observa-se que os neoconservadores não só

lutam pela supremacia militar norte-americana como geradora de identidade, mas pela imposição de que os Estados Unidos são um modelo de nação simplesmente por se sustentar nos três fatores: liberdade, democracia e livre-comércio. Com os atentados que aconteceram em 11 de setembro, os "neocons" justificaram a ofensiva militar como algo correto e ainda propondo outras guerras, novos valores e uma nova política externa. A partir de então que George W. Bush passou a guiar suas políticas pelo unilateralismo, disposto a intervenção no exterior e julgando o mundo pela moral (FINGUERUT, 2007).

2.2 Agenda Religiosa, Eleições nos Estados Unidos e o Cinturão Bíblico

Em linhas gerais, os conservadores religiosos, organizados em torno do partido republicano, influenciam diretamente nas eleições políticas dos Estados Unidos. Ainda assim, esta influência conservadora/religiosa não se limita aos processos eleitorais. Ela também se manifesta na política externa: o país determina seu comportamento internacional considerando a missão que possuem de levar o progresso segundo a providência divina. Embora tal fenômeno não seja novo, ele ganha dimensões na gestão de Bush.

Em termos de agenda, segundo Figuerut (2017), a direita cristã vota em favor da supremacia militar como geradora da identidade nacional bem como sustentam que os Estados Unidos são o modelo de nação a ser seguido. Dessa forma, os neoconservadores sustentaram uma ofensiva militar como resposta aos 11 de setembro, além de proporem novas guerras, novos valores e uma nova política externa. Com isso em mente, George W. Bush passa a imprimir uma política unilateral e disposta a intervir no exterior a partir de uma visão moral do mundo. A política externa de Bush com relação a Israel, com relação à ONU, combate ao terrorismo, guerra às drogas e combate a pornografia, entre outras, ganhou contornos muito próximos às agendas e interesses desta direita cristã. Dessa forma, são anti-contracultura (revolução sexual) e são a favor do controle ou proibição da violência e da pornografia. Os falcões Colin Powell, Dick Cheney, Condoleezza Rice e Donald Rumsfeld, de um modo ou de outro, eram subprodutos desta visão de mundo.

Já o sistema eleitoral responsável pela eleição do presidente dos Estados Unidos é complexo e ancorado em 538 colégios eleitorais em 50 estados federados mais o distrito federal, com a maioria adotando o modelo *winner-takes-all*. Esta característica típica do federalismo norte-americano pode gerar cenários onde o candidato mais votado não assuma o

cargo. Isso ocorreu, por exemplo, nas eleições de 2000, quando Al Gore, embora mais votado do que George W. Bush teve menos delegados do que seu rival; no pleito de 2016, embora Hillary Clinton tenha conseguido mais votos na contagem geral do que seu rival, Donald Trump, ela perde em colégios eleitorais importantes, custando-lhe a vitória. Nas eleições de 2000, dos 538 delegados em disputa, o cinturão bíblico era responsável por 228 (42,3%). Em 2004 este número sobe para 231 (42,9%), e em 2016 para 233 (43,3%).

Tabela 2 – Peso eleitoral do cinturão bíblico (1992-2016)

Election Year	1992	2004	2012
	1996	2008	2016
	2000		
Alabama	9	9	9
Arkansas	6	6	6
Florida	25	27	29
Georgia	13	15	16
Illinois	22	21	20
Kansas	6	6	6
Kentucky	8	8	8
Louisiana	9	9	8
Mississippi	7	6	6

Missouri	11	11	10
New Mexico	5	5	5
North Carolina	14	15	15
Ohio	21	20	18
Oklahoma	8	7	7
South Dakota	3	3	3
Tennessee	11	11	11
Texas	32	34	38
Virginia	13	13	13
West Virginia	5	5	5
Total	228	231	233

Fonte: The Green Paper.

Como visto anteriormente, o partido republicano possui uma denominação religiosa evangélico-protestante. Para Campbell (1998), esta relação entre política e religião é uma das grandes ironias da política norte-americana ao passo que introduz a religiosidade pessoal nas eleições e nas políticas presidenciais. Quando se trata da candidatura de George W. Bush, por exemplo, ressalta-se que o mesmo utilizou de uma retórica religiosa evangélica-protestante assim como ocorreu com outros presidentes. Ainda assim, o autor ressalta o apoio que teve das comunidades evangélicas e dos estados do cinturão bíblico, de modo que esta foi a região em que Bush contou com maior apoio e direcionou suas atenções e mobilizações a fim de conseguir cada vez mais os votos dos evangélicos. Ainda segundo este autor,

Devido à coalizão dos religiosos, o Partido Republicano enfrenta problemas. Por um lado, tem em sua base um núcleo de evangélicos que apoiam e que foram totalmente incorporados pelo aparelho interno do partido do Partido Republicano e desempenham um papel que não é diferente do papel desempenhado pelos sindicatos no Partido Democrata. É, portanto, extremamente improvável que alguém consiga a nomeação republicana para a presidência sem receber a bênção dos principais líderes evangélicos. Por outro lado, só o voto evangélicos não é suficiente para obter vitória nas eleições. Os candidatos republicanos bem-sucedidos também devem apelar para eleitores que, embora prováveis conservadores, não sejam evangélicos. Desta forma, cada um dos principais candidatos para a nomeação republicana de 2008 tem seu próprio desafio particular de alcançar um equilíbrio entre as bases evangélicas e alcançar outros eleitores (CAMPBELL, 1998, p. 07).

Uma das estratégias importantes das campanhas de Bush nos anos de 2000 e 2004 foi a utilização do discurso religioso nas suas campanhas políticas. George W Bush nunca pareceu hesitar ao expor sua opinião a favor da religião e da moral como princípios que guiam sua vida pessoal e política e também sempre empregou uma retórica religiosa assumindo fortes posições sobre alguns temas tais como aborto, homossexualismo etc. Seus adversários, Al Gore e John Kerry, não conseguiram estabelecer essa mesma identidade religiosa. Também como resultado disso, George Bush foi eleito duas vezes com forte apoio evangélico. Segundo Zakaullah (2007):

A questão é: Por que, apesar do boom econômico, do pleno emprego e da prosperidade geral, o eleitor não deu a Gore uma vantagem decisiva sobre Bush? A resposta está no novo mapa ideológico dos Estados Unidos. Bush carregou a maior parte do Sul, que é o Cinturão Bíblico, e o centro do evangelicalismo. O Sul é o coração do fundamentalismo cristão. Alguém pode estar assustado ao ver Gore perder em seu próprio estado, no Tennessee. Dada a inclinação ideológica de extrema direita, o Tennessee é popularmente conhecido como The Old Buckle do Cinturão Bíblico (ZAKAULLAH, 2007).

Pode-se dizer que existe uma lacuna considerável entre o apoio dos evangélicos protestantes brancos e daqueles sem filiação religiosa. Bush consegue 56% dos votos evangélico em 2000 e 59% em 2004. A margem, quando comparada com o mundo evangélico, é menor entre os católicos, com 47% em 2000 e 52% em 2004. Entre os católicos

hispanicos, os números se invertem: 33% votaram em Bush em 2000 e em 2004. Ademais, vale destacar que entre os mórmons a margem se amplia, chegando a 80% em 2004. Já a vitória de Obama contra o republicano John McCain em 2008 se deu, comparando os votos entre os democratas com os republicanos, e em pontos percentuais, em grande parte pelos votos daqueles que não se declararam religiosos que possuem tendência histórica de votação no partido democrata. No quadro a seguir demonstra esta composição em porcentagem de votos das eleições dos anos de 2000, 2004 e 2008, levando em consideração a filiação religiosa da população norte-americana.

Tabela 3 – Votação presidencial por afiliação religiosa e raça

Presidential vote by religious affiliation and race											
	2000		2004		2008		2012		2016		Dem change '12-'16
	Gore	Bush	Kerry	Bush	Obama	McCain	Obama	Romney	Clinton	Trump	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
Protestant/other Christian	42	56	40	59	45	54	42	57	39	58	-3
Catholic	50	47	47	52	54	45	50	48	45	52	-5
White Catholic	45	52	43	56	47	52	40	59	37	60	-3
Hispanic Catholic	65	33	65	33	72	26	75	21	67	26	-8
Jewish	79	19	74	25	78	21	69	30	71	24	+2
Other faiths	62	28	74	23	73	22	74	23	62	29	-12
Religiously unaffiliated	61	30	67	31	75	23	70	26	68	26	-2
White, born-again/evangelical Christian	n/a	n/a	21	78	24	74	21	78	16	81	-5
Mormon	n/a	n/a	19	80	n/a	n/a	21	78	25	61	+4

Note: "Protestant" refers to people who described themselves as "Protestant," "Mormon" or "other Christian" in exit polls; this categorization most closely approximates the exit poll data reported immediately after the election by media sources. The "white, born-again/evangelical Christian" row includes both Protestants and non-Protestants (e.g., Catholics, Mormons, etc.) who self-identify as born-again or evangelical Christians.

Source: Pew Research Center analysis of exit poll data. 2004 Hispanic Catholic estimates come from aggregated state exit polls conducted by the National Election Pool. Other estimates come from Voter News Service/National Election Pool national exit polls. 2012 data come from reports at NBCnews.com and National Public Radio. 2016 data come from reports at NBCnews.com and CNN.com.

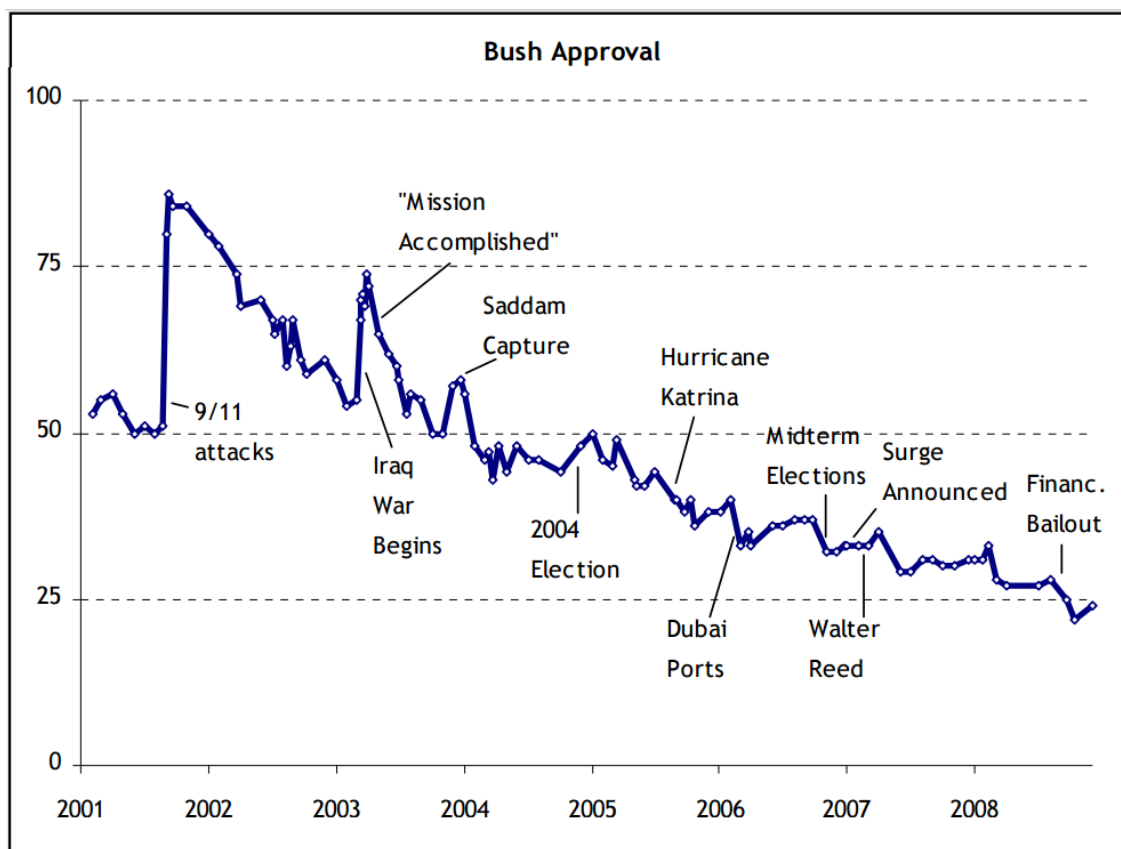
PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center, 2008.

Ademais, a aprovação dos governos Bush filho oscilou em grande medida ancorada na percepção de sucesso de sua política externa. Enquanto a resposta aos ataques de 11 de setembro promove um período de relativa tranquilidade nos índices de aprovação popular, no segundo mandato o índice despenca, em grande medida devido ao esgotamento com as políticas intervencionistas patrocinadas pela doutrina Bush e pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo país. O gráfico abaixo, elaborado pela Pew Research Center,

mostra a ascensão e queda da popularidade de Bush, com o ponto máximo após a resposta aos atentados em 2001 e o ponto mais baixo na crise financeira de 2008.

Figura 4: Aprovação popular do governo de George W. Bush (2001-2009)



Fonte: Pew Research Center, 2008.

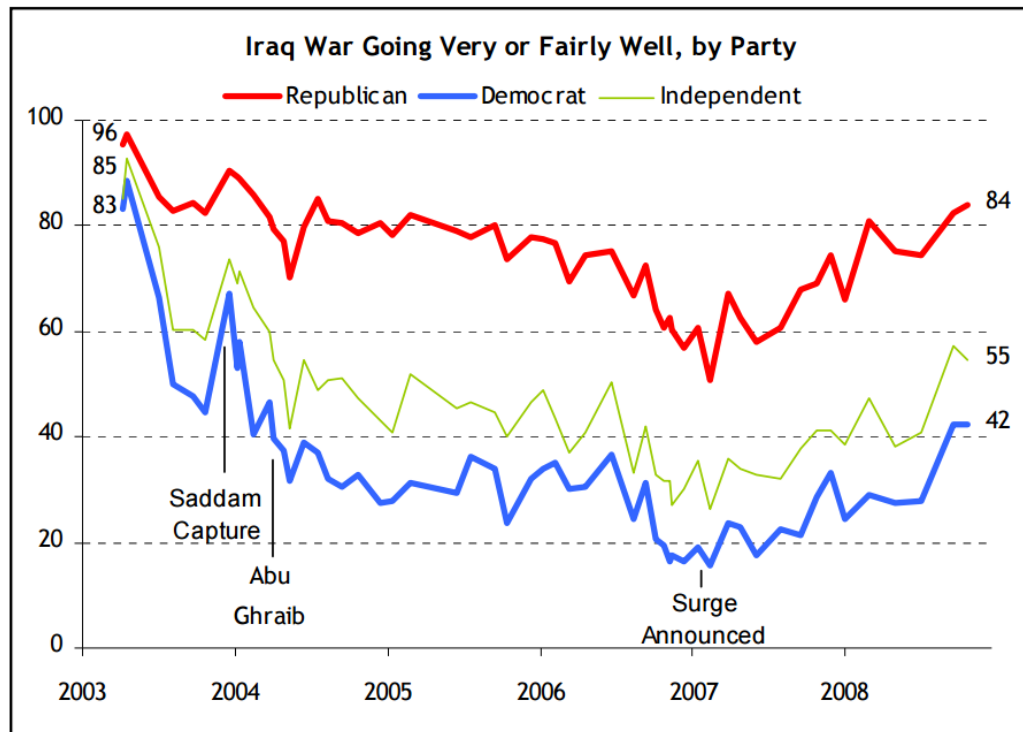
Além de unificar o país em torno de uma pauta, o evento de 11 de setembro agiu de maneira a aumentar o número de filiados do partido republicano. Segundo pesquisa realizada pelo Pew Research Center (2003), o partido republicano esteve atrás do partido democrata quanto ao número de pessoas filiadas e assim permaneceu durante a maior parte do século passado. Este quadro mudou no pós 11 de setembro, e por mais que o partido republicano tenha obtido tendências mais favoráveis em relação aos democratas, o problema da questão do descontentamento da questão do Iraque se tornou uma ameaça ao partido. Desta forma, conclui-se que:

Ironicamente, uma das mudanças significativas no cenário político parece ter pouca conexão direta com os eventos dos últimos anos. Segundo o estudo realizado neste ano, é possível identificar uma lacuna mais ampla entre republicanos e democratas

no tocante ao compromisso religioso, maior do que em qualquer outro momento do período de 16 anos que o Pew Research Center mediu as atitudes políticas, sociais e econômicas. Esse padrão reflete o crescente número de protestantes evangélicos brancos nos EUA que se filiam ao partido republicano (PEW RESEARCH CENTER, 2003).

Dessa forma, o partido republicano aumentou seus adeptos em 13 dos 50 estados desde o ano 2000. Demograficamente, houve aumento de filiações praticamente em todos os grandes blocos eleitorais à exceção dos afro-americanos. O partido republicano conseguiu obter vantagem sobre os democratas na proporção de dois para um entre os protestantes evangélicos brancos e atraiu inclusive os católicos brancos desde as eleições de 2000. Verifica-se que os republicanos se tornaram mais militantes e defenderam a guerra no Iraque e o uso da força contra os inimigos. O quadro abaixo evidencia esta diferença de percepção entre os partidos sobre a guerra do Iraque.

Figura 5: Opinião pública sobre a intervenção estadunidense no Iraque



Fonte: Pew Research Center, 2008.

Verifica-se também que, em 2008, a região do cinturão bíblico votou a favor John McCain do partido republicano. Entretanto, Barack Obama venceu as eleições com 53% do

voto nacional e, levando em consideração o cinturão bíblico, foram 68% dos votos para o republicano John McCain e 31% para Obama. No que se refere ao peso eleitoral do cinturão bíblico, pode-se afirmar que:

Muitas das principais cidades do Cinturão Bíblico são escassamente povoadas. Os dos Estados Unidos, em media, possuem cerca de cem mil habitantes, mas os dois maiores condados do Cinturão Bíblico têm uma população média de pouco mais de 25 mil pessoas. [...] 66% da população dos EUA é branco e não-hispânica, mas os brancos não-hispânicos constituem mais de 80% da população nos dois maiores condados do Cinturão Bíblico. Finalmente, no que diz respeito aos níveis educacionais nos duzentos maiores condados do Cinturão Bíblico, menos de 15% da população adulta possui diploma de ensino superior, enquanto que a media nacional é de 24%. Em suma, esses municípios religiosamente conservadores tendem a ser escassamente povoados, em grande parte compostos de residentes brancos e com forte apoio ao Partido Republicano (WEBSTER, 2011, p. 273).

Em suma, a religião guarda uma relação muito forte com a política nos Estados Unidos. Sendo assim, a dinâmica bipartidária está sujeita a esta ligação de fé com a política. Estes dados apontam para a existência de uma sequência lógica entre o cinturão bíblico, a direita cristã e a política externa dos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush. A religião é, portanto, um fator muito importante para garantir o tom diferenciado com relação à cultura e à própria política estadunidense e, dessa forma, atua de maneira a ajudar na definição das opções que delineiam o espaço público dos Estados Unidos.

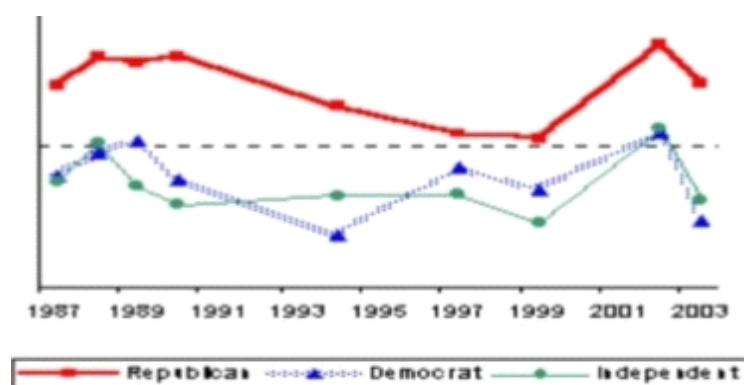
3. “God Bless America”: o Bible Belt e o Governo de George W. Bush

Como vimos até aqui, existe uma relação entre a política no *bible belt*, bem como seus princípios religiosos e o papel da direita cristã durante a administração de George W. Bush (2001-2009). No primeiro capítulo, apresentamos conceitos tais como “*bible belt*”, “excepcionalismo”, “mitos fundacionais”, “direita cristã”, entre outros. Já no segundo capítulo, fizemos uma breve revisão da bibliografia que articula o peso da religião na política estadunidense, com destaque para a política externa. Resta-nos, neste momento, mostrar algumas formas de como o *bible belt* influenciou a condução dos assuntos externos nos Estados Unidos durante o governo de George W. Bush.

3.1 O Peso Eleitoral da Religião no Governo de George W. Bush

Como vimos, a tabela 2 mostrou a composição, em porcentagem de votos das eleições dos anos de 2000, 2004 e 2008, levando em consideração a filiação religiosa da população norte-americana. Verifica-se que nos últimos dez anos as eleições nos Estados Unidos, levando em consideração os atentados terroristas de 2001, intensificou a polarização política do país. Neste sentido, o partido Republicano conseguiu a filiação de grande número de pessoas que até então não o apoiavam: de 2000 para 2004, o voto evangélico no partido republicano saltou de 56% para 59%, com destaque para o papel desempenhado pelos WASP (White, Anglo-Saxon and Protestant). O gráfico a seguir mostra o apoio dos republicanos e democratas quanto à política de segurança nacional entre 1987 a 2003:

Figura 6– Apoio para uma política de segurança nacional assertiva

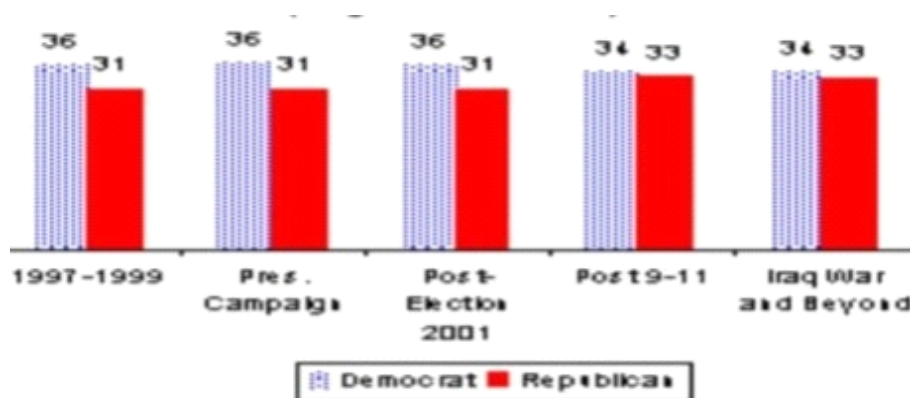


Fonte: Pew Research Center, 2004.

Segundo a pesquisa realizada pelo Pew Research Center (2003), a opinião pública a respeito de temas como defesa das liberdades, política externa, religião, valores sociais, e até mesmo de voto, são valores que, analisados durante as eleições, mostraram que moldam as decisões eleitorais. Para tanto, analisou-se também as tendências partidárias deste período de 2001 levando-se em consideração cerca de 80.000 pessoas ao longo de três anos. Por vezes, esta análise levou à conclusão de que o partido Republicano esteve atrás do partido Democrata quanto ao número de pessoas filiadas e assim permaneceu durante a maior parte do século passado (PEW RESERACH, 2003a).

O ocorrido evento no dia 11 de Setembro de 2001, polarizou e aumentou o número de adeptos ao partido republicano. Como mostra no gráfico, no período de 1997 até os pós 11 de setembro, 30% da população se identificaram com o partido republicano:

Figura 7 – Party Identification 1997 – 2003 (registered voters)



Fonte: Pew Research Center, 2004.

Verifica-se que segundo o Pew Research Center (2003), o partido Republicano aumentou seus adeptos em treze dos cinquenta estados desde o ano 2000 de modo que destes treze estados, seis foram considerados decisivos para as últimas eleições. Demograficamente, houve aumento de filiações praticamente em todos os grandes blocos eleitorais à exceção dos afro-americanos. O partido Republicano conseguiu obter vantagem sobre os democratas na proporção de dois para um entre os protestantes evangélicos brancos e atraiu inclusive os católicos brancos desde as eleições de 2000. Verifica-se que os republicanos se tornaram mais militantes e defenderam a guerra no Iraque e o uso da força contra os inimigos.

George W. Bush, importante figura para a nova direita, representou uma base fundamental para Coalizão Cristã e os neoconservadores. Se apresentando como um “renascido cristão”, governou o Texas e encontrou na coalizão cristã votos, recursos financeiros, mesmas opiniões quanto ao tema da família, sexualidade, juventude, concordância a respeito da postura norte-americana com relação a Israel, com relação à ONU, terrorismo e combate à pornografia, entre outras coisas. Nas palavras de Fingerut (2007), acrescenta-se que:

(...) neoconservadores e membros da direita cristã estão juntos em Think Tanks centrais para a sustentação de George W. Bush, tais como os já mencionados AEI, Claremont Institute, Heritage Foundation e Hoover Institution. E vale destacarmos também que Irving Kristol, um dos nomes centrais do movimento neoconservador, escreveu a biografia de Jerry Falwell, um dos pilares da Coalizão Cristã. Em comum também podemos destacar que tanto os evangélicos como os neoconservadores no passado já apoiaram os democratas, no primeiro caso com Jimmy Carter e, no segundo, com o senador Henry “Scoop” Jackson. Tendo traços em comum no passado, estando juntos no presente, neoconservadores e a Coalizão Cristã pretendem, no futuro, mostrar que a “revolução republicana” veio para ficar. (FINGERUT, 2007 p. 7).

A população norte-americana cresceu muito entre os anos de 1960 e 1990. Nos anos de 1960 e 1970 grandes transformações ocorreram na sociedade americana e principalmente para os conservadores e religiosos deste período. Em 1963, com o assassinato do presidente Kennedy em Dallas, no Texas, surgiram organizações como *Students for a democratic Society* e os *Black Panthers* para mostrar seus ideais, o que gerou grandes debates entre os intelectuais da época. Verifica-se que neoconservadores e a direita cristã tinham grandes preocupações a respeito da família moderna americana. Para além das afinidades políticas e ideológicas, a maioria dos neoconservadores vem de famílias judaicas e nas palavras de Ariel Fingerut, com relação aos “neocons” menciona “a group that was historically affected by american secularism and traditionally closer to the democrats and cosmopolitans of the big cities than the republicans, christian fundamentalists, mainly in southern USA” (FINGERUT, 2007 p.5).

Aos eleitores conservadores consideram, na hora de votar, como aconteceu no caso de Bush, 90% levaram em consideração a questão da fé como a maior qualidade do candidato. De modo que, todos que votaram em Bush em 2004, queriam um presidente religioso no poder. Se houvesse uma análise a respeito do perfil daqueles que votaram em Bush, destacariam dois grupos: os evangélicos representando 40% dos eleitores de Bush e

17% refere-se aos que frequentaram a igreja na semana em que a pesquisa estava sendo feita (FINGUERUT, 2007).

Quando se trata da candidatura de George W. Bush filho, por exemplo, ressalta-se que o mesmo utilizou de uma retórica religiosa evangélica-protestante assim como ocorreu com outros presidentes. Ainda assim, Campbell ressalta o apoio que teve das comunidades evangélicas, e dos estados do “cinturão bíblico”, de modo que esta foi a região em que Bush contou com maior apoio e direcionou suas atenções e mobilizações a fim de conseguir cada vez mais os votos dos evangélicos (CAMPBELL, 2007). Ainda assim, o mesmo autor ressalta que:

Owing to its coalition of the religious, the Republican Party faces a difficult balancing act. One hand it has at its base a core of evangelical supporters who have been fully incorporated into the internal party apparatus of the GOP and play a role not unlike the role once played by labor unions in the Democratic Party. It is thus extremely unlikely that anyone could ever win the Republican nomination for the presidency without receiving, as it were, the blessing of key evangelical leaders. On the other hand, evangelicals alone do not make for election victories. Successful Republican candidates must also appeal to voters who, while perhaps socially conservative, are not evangelicals themselves. As of this writing, each of the leading contenders for the 2008 Republican nomination has his (to date, they are all men) own particular challenge in achieving a balance between shoring up the evangelical bases and reaching beyond it to other voters (CAMPBELL, 2007 p.7).

O sucesso das campanhas de George W. Bush nos anos de 2000 e 2004 pode ter sido devido à estratégia de utilização do discurso religioso nas suas campanhas políticas. O mesmo nunca hesitou em expor sua opinião a favor da religião e da moral como princípios que guiam sua vida pessoal e política e também sempre empregou uma retórica religiosa assumindo fortes posições sobre alguns temas tais como aborto, homossexualismo etc. Seu adversário na época, John Kerry, não conseguiu estabelecer tão fortemente essa identidade religiosa e uma estratégia consistente. Como resultado, George Bush foi reeleito pelo apoio dos evangélicos, tradicionalistas protestantes e católicos (BROWNE, 2009). Segundo Zakaullah (2007):

The question is why, despite the economic boom, full employment and general prosperity, did the voter not give Gore a decisive lead over Bush? The answer lies in the new ideological map of the United States. Bush carried most of the South, which is the Bible Belt of the country, and the center of evangelicalism. The South is the heartland of Christian fundamentalism. One is astonished to see Gore losing in his own state, Tennessee. Given its far right ideological leaning, Tennessee is popularly known as The Old Buckle of the Bible Belt (ZAKAULLAH, 2007 p. 113).

3.2 A Religião como Elemento Legitimador da Agenda Externa de George W. Bush

A influência dos cristãos de direita na política externa estadunidense é um tema já relativamente consolidado na literatura estadunidense, objeto de reflexão já por décadas nos Estados Unidos. Segundo Oldfield (2004), durante a Guerra Fria, o primeiro tópico de política externa que preocupava os cristãos de direita era a luta anticomunista. Depois da queda da União Soviética, esse grupo de religiosos passou a se preocupar com o avanço da agenda “social liberal” das Nações Unidas. (OLDFIELD, 2004). Nesta mesma direção, segundo Rozell e Whitney (2007), entre todos os grupos religiosos, exceto os judeus, os evangélicos cristãos são os menos prováveis (aproximadamente 34%) de falar que os Estados Unidos devem se focar em seus próprios problemas diante das políticas globais e essa visão é mais forte em evangélicos que frequentam regularmente a igreja e se relacionam intensamente com a fé. Além disso, entre os grupos religiosos, exceto os judeus, os evangélicos brancos são considerados os mais propensos (cerca de 60%) a acreditar que os Estados Unidos representam um papel especial no mundo (ROZELL E WHITNEY, 2007).

Essa crença dos evangélicos de que seu país tem um papel fundamental no mundo tem uma forte fundamentação no “excepcionalismo” estadunidense na política externa, como já vimos. Essa percepção é reforçada na crença de que Deus deu uma proteção especial para os Estados Unidos; uma crença muito fundamentada na história americana do protestantismo (ROZELL E WHITNEY, 2007).

Verifica-se que os evangélicos são um dos mais importantes contribuintes para a política externa norte-americana. Entretanto, mesmo tendo um importante papel, apontam-se grandes desafios quanto à eficácia no que concerne às aspirações internacionais, como, por exemplo, os crescentes esforços evangélicos em questões relacionadas aos direitos humanos. Existe, por sua vez, uma tendência percebida por especialistas da mídia estadunidense apontando-os como monolíticos e marchando na política “lockstep”. Contudo, partindo de um nível mais abstrato e geral, os evangélicos concordam que devem defender e agir a partir dos ditames morais da fé. Em termos específicos, uma abordagem baseada na fé para políticas externas depende da questão que varia de forma significativa tendo em base os princípios teológicos (ROZELL E WHITNEY, 2007).

Segundo Oldfield (2004), existem três desenvolvimentos que ajudaram os cristãos de direita a possuírem papéis importantes na política externa e a influenciarem os governos

dos presidentes estadunidenses. Sendo esses desenvolvimentos, “*A Sympathetic President*”, “*A Grassroots Network*” e “*Neoconservative Ties*” (OLDFIELD, 2004).

Por “*A Sympathetic President*”, o autor argumenta que é importante que o país tenha, no poder, um presidente que seja simpático as ideias dos cristãos de direita, que assim, esse grupo religioso conseguiria maiores poderes de influência dentro da política externa estadunidense. Oldfield também dá o exemplo de George W. Bush, que herdou do pai, Bush, a fé e a religião e se juntou a esse grupo e a essas ideias logo em sua campanha presidencial. Com a ajuda de Doug Wead⁷, ele buscou o apoio de líderes evangélicos ainda no período eleitoral (OLDFIELD, 2004).

As inclinações pessoais do presidente são reforçadas pelo desenvolvimento da direita cristã chamado de “*A Grassroots Network*”, que seria a busca do presidente por coalizões religiosas dentro da política estadunidense. No caso, George Bush contratou Ralph Reed, que era um diretor de uma coalizão cristã, como um consultor em seu mandato. E sua rede de contatos também o fez possuir mais apoios quando desafiados por outros senadores.⁸ (OLDFIELD, 2004), Por fim, Oldfield argumenta que o acesso ao poder que os cristãos de direita possuem foi fortemente auxiliado pelos laços que foram feitos com neoconservadores na administração Bush. Esses laços foram criados principalmente durante o conflito Israel-Palestina, com o apoio desses cristãos de direita a Israel (OLDFIELD, 2004).

Desde a introdução da Doutrina Bush em 2002, o presidente George W. Bush propôs que as morais estadunidenses são sinônimas de um plano maior de Deus, que os cidadãos estadunidenses lutam para derrotar as “forças do mal” e que o Deus do universo luta ao lado deles. Durante os discursos de Bush acerca da Guerra ao Iraque, fica bem visível as inúmeras referências a Deus, a fé religiosa e a própria bíblia (FROESE E MENCKEN, 2009). Segundo Baumgartner, Francia e Morris (2015), os evangélicos eram mais favoráveis a apoiarem as atitudes do presidente Bush em assuntos como a Guerra ao Iraque, a guerra ao terror e as outras políticas externas de Bush do que o resto dos outros cidadãos estadunidenses (BAUMGARTNER, FRANCIA E MORRIS, 2015).

⁷ Autor estadunidense que auxiliou George W. Bush em sua campanha eleitoral para conseguir o apoio de líderes evangélicos.

⁸ “After Bush lost New Hampshire primary, strong support from the Christian Right, especially in South Carolina, helped him beat back a serious challenge from Senator John McCain”. (OLDFIELD, 2004)

Além disso, a influência religiosa no conflito do Iraque também pode ser representada por uma pesquisa feita em 2005, na qual mais de 60% de evangélicos protestantes apoiavam a entrada dos Estados Unidos na guerra e acreditavam que os Estados Unidos realmente deveriam entrar nessa guerra. (FROESE E MENCKEN, 2009). Segundo Rozell e Whitney (2007), outro conflito que ilustra a influência que os evangélicos têm na política externa estadunidense é o conflito Israel-Palestina, já citado aqui. Sobre isso, os autores comentam:

In particular, the “road map” for peace, President Bush’s plan for a series of mutual concessions leading to an eventual Palestinian state, has been subjected to vigorous public criticism of many evangelicalism’s top elites. But these same leaders have long realized that they would have to do more than bluster on cable television or in newspaper reports; accordingly, they sought out ready partners in their opposition to the administration’s plans (ROZELL E WHITNEY, 2007).

Outras vozes também surgem nesse contexto. Destacam-se os evangélicos que dão menos ênfase nas profecias bíblicas, mas mesmo assim ainda refletem suas ações políticas baseada na fé, isto é, “Deus abençoa aqueles que abençoam os Judeus”. Por sua vez, quando se coloca esta promessa ao lado da teologia do fim dos tempos, 60% dos evangélicos escolhem a benção divina de Israel, em vez do papel judaico em inaugurar o apocalipse. Outros importantes grupos de evangélicos, em sua maioria, estudiosos e intelectuais, possuem uma visão menos literal da bíblia e não percebem o apoio a Israel como algo decisivo para a fé. Rejeitam a ideia de que tanto as profecias bíblicas quanto os comandos bíblicos requerem uma preferência em prol ao Estado de Israel no contexto do conflito no Oriente-Médio. Nesse ponto, Rozell e Whitney (2007) mencionam que:

Richard Mouw, president of Fuller Seminary, and other evangelicals in this camp have insisted that there is no specific theological point that forbids or requires a Palestinian state, though general principles of justice requires a peaceful resolution that would privilege neither side (ROZELL E WHITNEY, 2007, p. 222).

Em julho de 2002, quase 60% dos evangélicos escreveram para o presidente Bush para garantir que a comunidade evangélica não é um bloco monolítico no que concerne ao apoio à política israelense. Os mesmos utilizaram do velho testamento para apontar que a justiça divina está do lado da Palestina e Israel de modo que os Estados Unidos devem ter uma abordagem imparcial. Dessa forma:

Many of these same leaders would support President Bush's road map for Middle East peace when it was proposed in the spring of 2003. In an apparent response to their fellow evangelicals—and in the midst of escalating violence in Israel, Gaza, and the West Bank—24 other evangelical leaders sent a letter to President Bush in May 2003 urging him to rethink his road map, which they described as “well-intentioned” but likely to cause “disaster.” Written by Gary Bauer of American Values and signed by Jerry Falwell, Richard Land, Paul Weyrich (chair of the Free Congress Foundation), and D. James Kennedy (head of Coral Ridge Ministries), the correspondence targeted the language of their fellow evangelicals in the 2002 letter, insisting that “it would morally reprehensible for the United States to be evenhanded between Democratic Israel, a reliable friend and ally that shares our values, and the terrorist-infested Palestinian infrastructure that refuses to accept the right of Israel to exist.” (ROZELL E WHITNEY, 2007, p. 223).

Segundo Rozell e Whitney (2007), é difícil saber exatamente qual dessas cartas influenciou o presidente frente ao conflito. Entretanto, pode-se afirmar que Bush apoiou ambos os lados segundo suas necessidades. (ROZELL E WHITNEY, 2007). Verifica-se que com os ataques terroristas em 11 de setembro, aconteceram semelhantes desentendimentos. Por um lado havia os evangélicos que só conseguiam enxergar uma batalha crescente entre o islã e o ocidente cristão e por outro, havia aqueles que conseguiam distinguir entre guerra contra terroristas internacionais de um grande choque de civilizações. Os autores apontam que:

The disagreements are sufficiently important that the war in Iraq, which the Bush administration has framed as a key battle in the War on Terror, brought an ambivalent response from Cizik's organization, which refused to take an official stand (ROZELL E WHITNEY, 2007, p. 224).

Partindo do ponto de que há uma mobilização de massa evangélica, vistos como um eleitorado central na política de George W. Bush, é possível dizer que havia uma agenda de política unida e coerente entre os evangélicos e o partido republicano durante a administração Bush. Tal afirmação se concentra nas condições internas à própria comunidade evangélica. É claro que o governo Bush foi pressionado por outras frentes que não a evangélica, criando tensões ao procurar influenciar, também, nas decisões do presidente. A formulação da política externa dos Estados Unidos é mais complexa, de modo que é preciso olhar as várias perspectivas conservadoras que estão presentes neste contexto. Um exemplo é a agenda dos direitos humanos, onde os conservadores moralistas nem sempre falam em uníssono. Já no campo econômico, os conservadores buscam “moralizar” o comércio em certa medida, criando sanções econômicas àqueles que violam direitos humanos causando assim o fechamento de importantes mercados e colocando os negócios norte-americanos em

desvantagem competitiva no cenário internacional globalizado. Dessa forma, os autores apontam que:

When the editor of Christianity Today declares that evangelicals must learn that “conservative politics need not mean captivity to business interests,” he is confronting more than a tendency of some evangelicals to support national economic interests over human rights concerns. Many advisors in the Bush administration have similar tendencies (ROZELL E WHITNEY, 2007, p. 228).

Diante desse contexto, os neoconservadores vão em sentido oposto aos conservadores realistas defendendo que a democratização e padronização dos direitos humanos são fatores que influenciam positivamente tanto para os negócios quanto para a segurança. Na política de Bush, verifica-se uma forte influência dos neoconservadores, como inúmeros autores já demonstraram. Dessa forma, destaca-se a visão de um dos maiores defensores da guerra e no papel de vice-secretário de defesa Paul Wolfowitz, quando diz que: “nothing could be less realistic than the version of the ‘realist’ view of foreign policy that dismisses human rights as an important tool of American foreign policy” (ROZELL E WHITNEY, 2007, p. 229).

Verifica-se que, diante dessa competição, evangélicos cujos interesses estão nos direitos humanos, encontram pontos em comum com os neoconservadores. E, aqueles que apoiam uma política pró-Israel encontram apoio nos realistas. Alianças podem ser formadas e podem mudar constantemente. Isto, uma vez que, entre os próprios evangélicos que buscam apoio dos conservadores em uma determinada questão podem encontrar oposição em uma outra questão (ROZELL E WHITNEY, 2007).

Segundo Froese e Mencken (2009), a Guerra do Iraque foi considerada por algumas partes da população como uma disputa entre o “bem e o mal” e não apenas pela parte republicana ou conservadora da população. Na verdade, estadunidenses que se identificavam com a fé e a religião foram mais influenciados por essa questão política e acreditam na decisão de Bush acerca da guerra (FROESE E MENCKEN, 2009). Infere-se que o facciosismo conservador não foi o único obstáculo dentro da administração para atuação evangélica. Houve também outros fatores muito importante como a opinião pública, interesses partidários e pressões de grupos dentro do congresso. Dentre esses fatores, os autores apontam que:

(...) the bureaucratic norms and inertia of the State Department and the rest of the diplomatic corps; the scarcity of resources for foreign policy implementation; the interests and occasional intractability of other nation-states, allies and enemies alike; and the unpredictability of international events. These factors, among others, comprise a complex and highly fluid context for American foreign policy that is largely beyond the control of evangelicals to shape (ROZZEL, WHITNEY, 2007, p. 229).

A religião sempre foi uma força maior na política estadunidense, na sua identidade e na sua cultura. A religião forma o caráter de uma nação, e no caso estadunidense, ajudou os cidadãos desse país a formarem ideias sobre o mundo e influenciou também no modo com que eles respondem a eventos que ultrapassam suas fronteiras, aos eventos internacionais e de política externa (MEAD, 2006). Em conclusão aos fatos e dados apresentados nesse capítulo, tem-se que será improvável ver as elites evangélicas reverterem para um isolacionismo reacionário, especialmente, porque esse grupo religioso começou a utilizar justificativas teológicas e religiosas para internacionalizar sua visão de mundo, de que Deus oferece uma proteção divina para essa nação (ROZZEL, WHITNEY, 2007).

Esses grupos religiosos buscaram seu lugar e hoje representam um papel importante nas políticas domésticas e nas políticas externas estadunidenses, influenciando o governo de seu país. Como visto no presente trabalho, eles representaram um papel chave no governo George W. Bush, dando força para algumas decisões importantes do presidente, como a entrada dos Estados Unidos na Guerra do Iraque.

4. Considerações Finais

Fizemos aqui apontamentos sobre o papel exercido pela religião no “cinturão bíblico” e na formulação e execução da doutrina Bush. Conclui-se que, para entender a política externa dos Estados Unidos, principalmente quando liderada pelo partido republicano, faz-se necessário mapear o papel da direita cristã, em sua grande maioria localizada na região do cinturão bíblico, uma vez que este grupo se mostra crucial tanto na eleição de atores chave como na legitimação da política externa no campo do discurso. Dessa forma, a atuação da região na legitimação da política contra o terror a partir do ideário do “destino manifesto” e do “excepcionalismo”, procurou-se estabelecer vínculos entre o papel da religião e sua influência na sociedade e na política norte-americana e os desdobramentos na política contra o terror durante o governo de George W. Bush. Esta relação parece ter adquirido sua expressão máxima quando Bush, em discurso realizado.

Por vezes, levando em consideração que a religião nesta sociedade é uma fonte de identificação social, verifica-se o crescente envolvimento com a política nos Estados Unidos e, mais especificamente, com o partido republicano. Este tipo de agenda de pesquisa se mostra particularmente importante nos dias atuais, com a ascensão do governo de Donald Trump. Segundo dados da Pew Research Center, Trump conseguiu 80% do voto evangélico/branco, 52% do voto católico e 61% do voto mórmon (PEW RESEARCH CENTER, 2016).

Entretanto, a relação entre o cinturão bíblico, a direita cristã e Donald Trump parece ter natureza diferente quando comparada com George W. Bush. Trump não se apropriou, pelo menos por enquanto, do discurso religioso de forma intensa e profunda. Pelo contrário, a campanha de Trump ficou marcada pela violência contra as mulheres e uma coletânea de divórcios (algo complicado para o pensamento cristão, moralista e machista norte-americano). Paradoxalmente, o percentual de votos em Trump aumenta entre cristãos. Segundo Goodstein (2016), o comportamento “desviante” de Trump não pareceu ser pior do que a agenda de Hillary Clinton, “acusada” de, se eleita, patrocinar com recursos públicos o fim da liberdade religiosa, e os direitos de homossexuais e transgêneros. Esta situação desnuda, além da relação umbilical entre boa parte do discurso cristão norte-americano com a desigualdade de gênero, a essência da direita cristã daquele país que tem compromisso exclusivo com uma agenda de poder em detrimento de uma coerência teológica. Não à toa, um efeito colateral da atípica eleição de Donald Trump foi a ascensão, embora bastante

minoritárias, de correntes mais progressistas em igrejas protestantes e católicas, especialmente no norte do país (MALONE, 2017).

Referências Bibliográficas

ABC NEWS. **Transcript: President Bush Interview**. ABC News, 2016. Disponível em: <<http://abcnews.go.com/Primetime/story?id=131913>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

AMARAL, Manuel. **A Declaração de Independência**. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/portal/teoria/declaracao.html>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

ARAGÃO, Selma Regina. **Direitos humanos: do mundo antigo ao Brasil de todos**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2001.

BOGAN, Dallas. **America's First Bible Belt Began In Northeast, Spread During Great Awakening Of The 1700s**. Disponível em: <<http://www.tngenweb.org/campbell/hist-bogan/bible.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BOLES, John. **The Great Revival: Beginnings of the Bible Belt**. Lexington: The University Press of Kentucky, 1996.

BUSH, George W. **State of the Union Address. Text of George Bush's speech**. 21/09/2001. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2001/sep/21/september11.usa13>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

BUSH, George W. **O discurso de bush no congresso dos EUA no dia 20 de setembro**. Disponível em: <<http://bresserpereira.org.br/Terceiros/TerrorWTC/Bush-Set21-Discurso.PDF>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

CAMPBELL, David. **Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

CHECCO, Guilherme Barbosa. **História dos Estados Unidos: negros protagonistas: cinema e música na integração racial americana**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/polithicult/downloads/GEA_midiateca.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

DER DERIAN, James. 9/11: Before, After, and In Between. In: CALHOUN, Craig; PRICE, Paul; TIMMER, Ashley (EDS.) **Understanding September 11**. New York: New Press, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Religião e nação nos EUA**. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/sentidos-do-mundo/religiao-e-nacao-nos-eua>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

FELDBERG, Samuel. **Estados Unidos e Israel: uma aliança em questão**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush**. 2008. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

FINGUERUT, Ariel. Os neoconservadores e a direita cristã nas administrações de George W. Bush. In: **Simpósio Nacional De História**, 24, 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

FINGUERUT, Ariel. **The Christian right**. Disponível em: <http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_281.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nosso Lado”: Excepcionalismo e Religião nos EUA. **Contexto Internacional**, v. 29, n. 1, p. 149-185, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292007000100005>

GOODSTEIN, Laurie. Religious Right Believes Donald Trump Will Deliver on His Promises. **The New York Times**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/11/12/us/donald-trump-evangelical-christians-religious-conservatives.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

HAYNES, Jeffrey. Religion and Human Rights Culture in America. **Review of Faith & International Affairs**, v. 6, p.73-82, 2008. <https://doi.org/10.1080/15570274.2008.9523342>

HENRY, Maureen. **The intoxication of power: an analysis of civil religion in relation to ideology**. Boston: D. Reidel, 1979. <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9497-3>

JUNIOR, Alexandre Guilherme da Cruz Alvez. A Direita Cristã e a Primeira Emenda Norte-Americana. In. **XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013, Natal, RN. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e Diálogos Sociais. Natal, 2013.

KRON, Josh. Red State, Blue City: How the Urban-Rural Divide Is Splitting America. **The Atlantic**, 2012. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/politics/archive/2012/11/red-state-blue-cityhow-the-urban-rural-divide-is-splitting-america/265686/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LONG, Joey. **Religion and U.S. Foreign Policy. RSIS / Religion in Contemporary Society**. Disponível em: <<https://www.rsis.edu.sg/rsis-publication/idss/737-religion-and-u-s-foreign-poli/#.WWpT04TyuHt>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MALONE, Scott. **'Religious left' emerging as U.S. political force in Trump era**. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-usa-trump-religion-idUSKBN16Y114>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MATEO, Luiza Rodrigues. O Lobby de Israel e o primeiro ano da administração Obama. **Meridiano 47 – Journal of Global Studies**, v. 11, n. 121, p. 3-10, 2010.

MATEO, Luiza Rodrigues. **Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos**. 2011. 142 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/98111>>. Acesso em: 7 mai. 2017.

MITCHELL, Bárbara Maria de Albuquerque. A reapropriação do Destino Manifesto na Estratégia de Segurança Nacional de George W. Bush. **Revista Mundorama**. Disponível em: <<http://feedly.com/k/1919Inj>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

MONTGOMERY, Leslie. The Quiet Faith of Condoleezza Rice. **Charisma Magazine**, 2017. Disponível em: <<http://www.charismamag.com/blogs/487-j15/features/women-of-leadership/2255-the-quiet-faith-of-condoleezza-rice>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MURRIN, John. No Awakening, No Revolution? More Counterfactual Speculations. **Reviews in American History**, v. 11, n. 2, p. 161-171, 1983. <https://doi.org/10.2307/2702135>

ORTUNES, Leandro. Religião e o discurso político neoconservador nos Estados Unidos. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 141, p. 82-89, 2013.

SMITH, Gregory; MARTÍNEZ, Jessica. How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis. **Pew Research Center**, 9 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. Neoconservadorismo e direita religiosa nos Estados Unidos: formação ideológica, “guerra cultural” e política externa. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n. 31, p.43-61, jul-dez 2014.

RESENDE, Érica Simone Almeida. As condições de possibilidade da Guerra ao Terror: Americanidade e Puritanismo nas Práticas Discursivas da Política Externa Norte-Americana no pós-Onze de Setembro. **Século XXI**, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 31-53, jul-dez 2011.

RESENDE, Erica Simone Almeida. As origens ideológicas da Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América de 2002: reflexões nos dez anos do Onze de Setembro. **Meridiano**, 47 vol.12, n 126, jul-ago 2011.

SAFATLE, Vladimir. Teológico-político. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2709201106.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALLEH, Mohd. **The Christian Right and US Foreign Policy in the Twenty-first Century**. 2011. 308 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - The School of Government and International Affairs, University of Durham, Reino Unido.

STANLEY, Alessandra. Understanding The President And His God. **The New York Times**, 29 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2004/04/29/arts/television-review-understanding-the-president-and-his-god.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

THE PEW FORUM ON RELIGION & PUBLIC LIFE. **American Grace: how religion divides and unites us** (evento transcrito). Washington, D.C: Pew Research Center, 2010.

THE PEW FORUM ON RELIGION & PUBLIC LIFE. **How the faithful voted**. Washington, DC: Pew Research Center, 2008.

THE PEW FORUM ON RELIGION AND PUBLIC LIFE. **Religion and politics contention and consensus**. Washington, DC: Pew Research Center, 2003.

THE PEW RESEARCH CENTER FOR THE PEOPLE & THE PRESS. **Religion and the presidential vote**. Washington, DC: Pew Research Center, 2004.

THE PEW RESEARCH CENTER; RELIGION & PUBLIC LIFE. **Changing US religion landscape**. Washington, DC: Pew Research Center, 2007.

WALLIS, Jim. Dangerous Religion: George W. Bush's Theology of Empire. **Mississippi Review**, v. 32, n. 3, pp. 60–72, 2004.

WALT, Stephen. O Mito do Excepcionalismo Americano. **Portal Legionário**, 18 jan. 2013. Disponível em: <<http://portal-legionario.blogspot.com.br/2013/01/o-mito-do-excepcionalismo-americano.html>>. Acesso em: 3 out. 2016.

ZAHARAN FILHO, Geraldo Nagib. **A tradição liberal dos Estados Unidos e sua influência nas reflexões sobre política externa: um diálogo com as interpretações realistas e idealistas**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

ZAKAULLAH, Muhammad Arif. **Religion and Politics in America: The Rise of Christian Evangelists and their Impact**. Beirut: Arab Scientific Publishers, 2007.